



José Lopes da Silva

Curso
Livre de
Cristologia

 **MENSAGEIRO**
CATÓLICO

José Lopes da Silva

**Curso
Livre de
Cristologia**

APRESENTAÇÃO

Curso Livre de Cristologia

Este é mais um Curso Livre oferecido pelo Mensageiro Católico. Se você é católico(a) e quer aprender a dar razões da sua fé a quem por ela perguntar, aqui está uma ferramenta utilíssima que, lhe permite estudar nas horas vagas e sem sair de casa.

“Estai sempre prontos a dar as razões da vossa esperança a todo aquele que pedir. (1Pd 3,15).”

Conscientes das nossas limitações, buscamos com humildade oferecer respostas cristãs-católicas àqueles que estão sinceramente interessados em praticar sua fé. Somos leigos acrisolados pelo fogo do Espírito Santo, nas diversas pastorais ofertadas por nossas paróquias católicas. Estamos vivamente interessados em investir nosso precioso tempo nos estudos, na oração e na prática da caridade.

O presente curso é oferecido por meio de livro digital, em formato que permite a impressão e confecção de apostilas, e, também fica disponível para leitura online (de fácil visualização tanto em PC, tablets e notebooks quanto em smartphones) em uma plataforma exclusiva.

Bons estudos!

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo, por séculos, sempre foi concebido pela fé, tanto, que diversos trabalhos se voltaram exclusivamente para Ele, como as Sumas Teológicas de S. Tomás de Aquino, entre obras de outros magníficos autores.

Porém durante o século XX e XXI, diversos estudiosos passaram a olhar Jesus por outras vias que não fosse a fé, antes, a abstraía para poderem chegar a um Jesus real, o mais próximo que poderiam alcançar.

Da mesma maneira Jesus passou a ser visto sob o olhar da filosofia existencialista, do sociologismo e do racionalismo, de maneira fria e distante do real valor que Sua Pessoa tem.

Os Evangelhos também passaram a ser estudados em sua forma linguística e histórica, a arqueologia trouxe diversos novos manuscritos e na soma de tudo isto temos a figura de Jesus, por um lado, sendo estudada com profundidade, e por outro lado, sofrendo deformações que chegam quase a lhe tirar a majestade.

Este curso abordará a Cristologia sob seus diversos ângulos, sob o olhar de diversos autores, inclusive protestantes, os quais, é claro, discordam de alguns pontos que a Igreja Católica ensina e que estão escritos na própria Escritura.

O AUTOR **JOSÉ LOPES DA SILVA**

É graduado em Teologia e pós-graduado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. É casado, pai de três filhos e avô de quatro netos. Publicou cinco livros voltados a formação católica: *Religião e Religiosidade & Individualismo: A emergente autoajuda*; *Nova Era, Religião Universal e Nova Ordem Mundial*; *Pluralismo Religioso e Identidade Cristã*; *A Percepção Católica acerca do Final dos Tempos e Dízimo - Nossa Realidade: Implantação da Pastoral do Dízimo na Arquidiocese*.

SUMÁRIO

PREÂMBULO: CRISTOLOGIA E MHF SOB PERSPECTIVA CATÓLICA.....	8
---	----------

Parte I - Fundamentação Bíblica

MÓDULO I - A CRISTOLOGIA DOS APÓSTOLOS	11
1.1. A Cristologia de São Marcos	11
1.2 A Cristologia de São Mateus	13
1.3 A Cristologia de São Lucas.....	15
1.4 A Cristologia de São João	16
1.5 A Cristologia de São Paulo	18
1.6 Cristo em Hebreus.....	20
1.7 A Cristologia no Apocalipse.....	21
1.8 Títulos no Novo Testamento	22
1.9 Jesus nos Documentos Apócrifos.....	23
1.10 Jesus antes dos 30 anos.....	25
1.10.1 Jesus e os Essênios.....	26
1.11 Os Controversos “Irmãos” de Jesus.....	26
1.12 O Recenseamento De César Augusto	28

Parte II - História do Dogma

MÓDULO II - OS SETE PRIMEIROS SÉCULOS	37
2.1 Primeiro Século	37
2.1.1 Os Padres Apostólicos	37
2.2 Segundo Século	38
2.3 Terceiro Século.....	38
2.4 Tertuliano (+ ~ 220) e Orígenes de Alexandria (+ 254)	39
2.5 Quarto Século e os Concílios de Nicéia I e Constantinopla I	39
2.5.1 Arianismo e o Apolinarismo	40
2.6 Quinto Século e o Concílio de Éfeso	41

2.6.1 O Nestorianismo.....	42
2.6.2 O Concílio de Éfeso (431).....	42
2.7 Sétimo Século e os Concílios de Calcedônia e Constantinopla III.....	43
2.7.1 O Monotelitismo.....	44

Parte III - Aprofundamento Sistemático

MÓDULO III - A PESSOA DE JESUS CRISTO	50
3.1 A Encarnação	50
3.1.1 A Precisão.....	50
3.1.2 Motivo e Época	51
3.2 A União Hipostática	51
3.3 O Filho Unigênito Consubstancial com o Pai.....	52
3.4 O Mistério do Filho de Deus	52
3.5 A fé católica, a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo	53
3.6 O Mistério da Encarnação.....	54
3.7 Cristo Homem Verdadeiro	54
3.8 Ações Teândricas de Cristo	55
3.9 Jesus Divino	57
3.10 A Consciência de Jesus.....	57

Parte IV - Cristologias Dissidentes

MÓDULO IV - SOTERIOLOGIA.....	66
4.1 Encarnação, Vida Pública e Milagres de Jesus.....	66
1. Os milagres na vida pública de Jesus:.....	68
2. A Historicidade dos Milagres	69
4.2 Jesus Redentor	69
4.3 Expição, Sacrifício, Propiciação, Mérito	70
4.4 Glorificação.....	71
4.5 Historicidades de Jesus Ressuscitado	72
MÓDULO V - DISSENÇÃO CRISTOLÓGICA	80

PREÂMBULO: CRISTOLOGIA E MHF SOB PERSPECTIVA CATÓLICA

a) Cristologia

É definido pela etimologia como o estudo ou discurso (Lógos) sobre Jesus Cristo.

Mediante os sacramentos da Igreja todos os homens são incorporados em Cristo e como ponto primordial da Teologia é Ele o revelador do Pai e do Espírito Santo e o Recriador do homem, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 07).

A Cristologia pode ser ascendente, ou seja, aquela que aborda o aspecto humano de Jesus como Servo obediente de Deus, ou descendente, aquela que aborda a Divindade de Jesus Deus Encarnado que habitou e viveu com os homens e como os homens, exceção seja feita ao pecado, o qual Jesus não cometia.

A Epístola aos Filipenses fundamenta a Cristologia de baixo para cima e o Evangelho Segundo São João fundamenta a Cristologia de cima para baixo.

Estas duas maneiras bíblicas de ver originou nos séculos III e IV:

- a Escola Antioquena, a qual destacava a humanidade de Jesus;
- a Escola Alexandrina, a qual considerava a Divindade de Jesus.

Nos últimos anos tem sido considerada a Cristologia ascendente (de baixo paracima) a mesma usada para o estudo que este curso se propõe.

b) MHF Sob Perspectiva Católica

O Método das Histórias das Formas (MHF) é um método racional que tem sua aceitabilidade sob a ótica católica que absorve a verdade de que antes de o Evangelho ser escrito ele foi passado de geração por via oral através de muitas décadas e que seus pregadores estruturaram a fé e a vida dos ouvintes, pelos seus anseios e problemas, afinal o Evangelho é a mensagem da Salvação.

O MHF tem sua origem entre os críticos protestantes liberais da Alemanha, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 11).

Porém, estudiosos católicos verificaram que tal método pode ser aceitável sob a perspectiva da fé, trocando o racionalismo que o mantém, pela fé, tornando-o útil para entender os Evangelhos:

a comparação dos três Evangelhos sinóticos entre si manifesta pequenas diferenças de um para outro. Ora muitas dessas diferenças podem ser explicadas pelo recurso à história do texto ou levando-se em conta o intervalo que existiu entre a pregação oral de Jesus (27-30) e a redação escrita dos Evangelhos (50-100), (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 14).

Como exemplo tem-se a diferença entre os relatos dos apóstolos S. Marcos (8,11) e S. Mateus (12,38-40), onde o relato do primeiro é mais longo do que o do segundo oferecendo duas hipóteses:

Jesus profetizou sua ressurreição como sendo o sinal de Jonas, ou... Jesus falou apenas como Mc refere; mas os pregadores cristãos explicitaram a resposta de Jesus, apontando a ressurreição como autêntico sinal messiânico. Terão desenvolvido a res posta de Jesus de maneira fiel e genuína, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 14).

A partir do próximo Módulo será apresentada a Cristologia de cada Apóstolo segundo seu Evangelho.



Parte I - Fundamentação Bíblica

MÓDULO I - A CRISTOLOGIA DOS APÓSTOLOS

As testemunhas de Jesus Cristo deram sua vida como garantia da veracidade de suas palavras, portanto, o Novo Testamento torna-se a fonte fundamental para que se estudem os títulos atribuídos a Jesus.

Os Apóstolos são as melhores testemunhas da passagem de Jesus Cristo pela terra, pois o viram pregar, ensinar, fazer exorcismo e milagres, além do fato de presenciarem sua morte e ressurreição.

1.1. A Cristologia de São Marcos

São Marcos reúne sua Cristologia através de dois títulos honoríficos atribuídos a Jesus: Filho do Homem e Filho de Deus. Estes títulos são termos que não podem de forma alguma ser separados da sua narrativa uma vez que a Cristologia ocorre na história e é por ela que eles são interpretados.

- **Filho do Homem:** é uma expressão semita cujo significado é apenas “homem”.

No Evangelho de S. Marcos Jesus se utiliza várias vezes deste termo, mas nunca o usou em frases próprias, portanto quis assim ser chamado e por ser “Filho do Homem” é o Messias, aquele ser divino que nascendo humano tem privilégios com poderes de perdoar (Mc 2, 10), de ser o Senhor do sábado assim como Deus (Mc 2,28) e virá no final dos tempos para consumir a

história da humanidade (Mc 13,26).

Em São Marcos a expressão que mostra o poder do Filho do Homem, também mostra sua missão salvífica e sofredora, pois é o Servo Fiel de Javé, tanto que os títulos Filho do Homem e Servidor de Javé estão presentes em uma mesma sentença em Mc (10,45):

combinando entre si os títulos de Filho do Homem e Servidor de Javé, Jesus indica a originalidade do seu Messianismo: não seria apenas uma afirmação de glória e poder como esperavam os judeus, mas implicaria também o sofrimento em expiação dos pecados dos homens, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 18).

• **Jesus Messias:** o caráter político e nacionalista com que os judeus impregnavam Israel não era compatível com a missão de Jesus, algo que S. Marcos deixa claro quanto as dificuldade que os discípulos tinham em compreender, pois eram apenas concepções humanas.

É importante destacar que Jesus nunca se chamou de “Messias”, mesmo tendo agido como tal, curando o povo, restituindo vida, etc.

Qualquer um que fosse que o chamasse de Messias, era proibido por Jesus de o dizer fossem os enfermos, fossem os discípulos.

A imposição de silêncio quanto a este fato, não impedia os discípulos de reconhecerem Jesus como o Messias, principalmente observando o fato de ele morrer com atitudes de um Messias e de Filho de Deus (Mc 14,61-64).

• **Filho de Deus:** S. Marcos abre a apresentação do seu Evangelho chamando Jesus Cristo de Filho de Deus (Mc 1,1), como expressão de sua fé e dos primeiros cristãos.

Da mesma forma S. Marcos destaca as palavras do centurião romano que disse que Jesus verdadeiramente era Filho de Deus, (Mc 15,39).

“Este concerto de vozes que proclamam o Filho de Deus em Mc, é confirmado por sinais ou milagres realizados pelo próprio Jesus”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 19).

• **Milagres de Jesus:** para S. Marcos Jesus era Deus e fazia as coisas que somente a Deus cabe fazer: milagres com enfermos, ressuscitar pessoas aquietar tempestade, dentre outros.

Onde S. Marcos nos mostra em seu Evangelho Jesus atuando como Deus, perfazendo assim duas realidades em sua natureza: a humana e a divina.

A Doutrina da Salvação (Soteriologia), segundo S. Marcos se divide em dois aspectos estruturais:

a) Perdão / Pecado: salienta-se que em S. Marcos a maioria dos milagres de Jesus se relaciona com exorcismos e que Jesus contava com seus discípulos para o prosseguimento de sua missão. Jesus concedeu perdão dos pecados e inclusive sentou-se para comer com pecadores perdoados por ele. É interessante lembrar que a missão de Jesus era voltada para os pecadores, uma vez que são os doentes que necessitam de cuidados médicos (Mc 3,17).

b) Plano da Salvação: a morte de Jesus é de imensa abrangência ele não morreu apenas por contendas com os judeus, sua morte já estava prevista no Antigo Testamento, conforme Isaías (53,11). S. Marcos o apresenta como o sofredor que veio resgatar os pecados dos homens, abolindo o sacrifício diário e fazendo uma Nova e Eterna Aliança entre Deus e os homens:

o seu sangue, consciente e voluntariamente derramado, substitui o dos animais irracionais com que foi selada a antiga Aliança no monte Sinai: “Este é o sangue da Aliança que o Senhor fez convosco” (Ex 24, 8). O sangue de Jesus inaugura uma nova e definitiva Aliança, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 20).

S. Marcos traça a figura de Jesus Cristo segundo apresentado e isto será complementado pelos traços dos próximos Apóstolos em seus Evangelhos.

1.2 A Cristologia de São Mateus

Através de S. Mateus percebe-se a ligação entre a identidade de Jesus e a sua missão.

Jesus era judeu e conforme visto no tópico anterior era parte de um plano de Salvação predito por profetas.

S. Mateus escrevia para os judeus que foram convertidos ao Cristianismo e devido a isso recorria às Sagradas Escrituras do Antigo Testamento.

• **Messias o Filho de Davi:** S. Mateus apresenta a figura de Jesus histórico em seu contexto humano ao relevar sua descendência davídica e conseqüentemente messiânica. Vale ressaltar que a genealogia não termina em Maria e sim em José, além do fato de Deus ter pedido a José que colocasse o nome no menino de Jesus, o que implica diretamente que José é o pai de Jesus “segundo a lei da adoção, que em Israel conferia plenos efeitos de paternidade”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 22).

• **A Majestade de Jesus:** S. Marcos nos mostrou um retrato humanizado de Jesus no qual S. Mateus enfatiza Sua Majestade ao ressaltar a profunda reverência com que o povo se apresenta perante a Ele, como foi o caso do leproso que se prostrou frente a Ele quando Este desceu a montanha (Mt 8,2).

É utilizado o verbo aproximar, que se explica por um acesso reverente que tinham para com Ele, seja para conversar, seja para pedir um milagre.

Como exemplo cita-se o momento de despertar Jesus em meio à tempestade e os discípulos “aproximaram-se” dele respeitosamente (Mt 8, 25).

O mesmo acontecia no Antigo Testamento quando o “povo se aproximava de Moisés para consultá-lo”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 23).

• **O Filho do Deus Vivo:** a Divindade de Jesus está explícita em S. Mateus e a igualdade entre Pai e o Filho é confirmada onde somente o Pai conhece o ministério do Filho e Este conhece o Pai: “Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.”, (Mt 11,27).

Jesus tinha o dom de perdoar pecados, algo que somente compete a Deus fazê-lo, ele também enviou os Apóstolos a todas as nações fazendo discípulos e: [...] “batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, (Mt 28,19).

S. Mateus também nos fornece o elemento principal da concepção de Jesus, quando o anjo aparece a S. José e explica: “[...] José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo”, (Mt 1,20).

E somente em S. Mateus Jesus chama Deus de Pai: “[...] a vontade de meu Pai que está nos céus”, (Mt 7,21).

a figura de Jesus Cristo aparece no Evangelho de Mateus: sem deixar de ser verdadeiro homem, nascido da estirpe de Abraão e Davi para salvar todos os homens, Ele é descrito de maneira que a sua Divindade sobressai com evidência, [...], (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 24).

1.3 A Cristologia de São Lucas

S. Lucas é o evangelista que mais apresenta as linhas teológicas da Boa-Nova. Ele é de origem grega e escreve para gregos.

Israel carregada de pecado vivia desgraças após desgraças e o povo judeu esperava o Messias para salvá-lo.

Os gregos também queriam sua salvação, mas porque se sentiam ameaçados pelos estrangeiros e pelos escravos que passaram a viver com eles.

S. Lucas realça Jesus o homem e não apenas o judeu ou filho de Israel ao apresentá-lo como filho de Adão: “[...] filho de Set, filho de Adão, filho de Deus.”, (Lc 3,38).

• **O Salvador:** o Evangelho de S. Lucas ressalta o poder Salvífico de Jesus, algo que somente Deus tem e pode fazer.

Em S. Lucas Jesus manifesta a grande misericórdia de Deus pelo fato de ter vindo salvar a todos os homens, não fazendo exclusão.

Ressaltando este fato notamos Jesus sendo benevolente com os samaritanos, que eram desprezados pelos judeus e também concedendo perdão ao ladrão que junto com ele foi crucificado.

A Salvação de Jesus é universal e isto é enfatizado no Evangelho de S. Lucas: “Eles virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa no Reino de Deus. Eis que há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos”, (Lc 13,29-30).

• **O Senhor:** O mistério e a transcendência são atribuídos a Jesus pelo título *Kyrios* (Senhor, em grego). Na versão dos Setenta *Kyrios* traduz o nome de Deus: Javé.

Em S. Lucas *Kyrios* tem o significado de “chefe, proprietário” e traçando

um paralelo com o Evangelho de S. Marcos torna-se nítida a forma como S. Lucas introduz em seu Evangelho o termo “Senhor=Kyrios” na passagem do cego de Jericó que pediu o milagre da visão a Jesus: “Senhor, que eu possa ver novamente!”, (Lc 18,41) o que por S. Marcos foi escrito: “Rabbuni! Que eu possa ver novamente!”, (Mc 10,51).

Portanto, observa-se que:

[...] em Lc 10,39 se lê que “Maria, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra”. Sua irmã, Marta, foi queixar-se a Jesus interpelado como Senhor (Lc 10, 40). Esperar-se-ia aí o apelativo Mestre (didáskalos) e não Kyrios, pois Jesus ensinava. O termo Kyrios põe em relevo a majestade da Palavra de Jesus, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 27).

• **O Filho de Deus:** Cristo (Christós na língua grega) é a tradução da palavra hebraica (Mashiah=Ungido).

Este é um termo no A. T. que se dirige a reis, aos patriarcas e em especial ao descendente de Davi que resgataria seu povo.

Salienta-se que em Lucas:

Jesus nunca se intitula Cristo, o que se entende por causa das conotações políticas que o nome suscitava. Somente após Páscoa São Paulo pôde recorrer (com frequência) a este apelativo, deixando de lado a expressão messiânica “Filho do Homem”, preferida por Jesus, pois então já não existia o perigo de interpretações políticas e nacionalistas por parte do povo judeu, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 28).

1.4 A Cristologia de São João

S. João escreveu seu evangelho no fim do séc. I e apresenta o Evangelho que mais se aprofunda na figura de Jesus entre os Apóstolos.

• **O Lógos:** De todos os evangelhos o de S. João é o único que se utiliza do termo grego Lógos para se referir a Cristo a Palavra de Deus feito carne, habitada entre os homens: “E o Verbo se fez carne [...]”, (Jo 1,14).

pode-se crer que a personificação (meramente poética) da Palavra (dabar) e da Sabedoria (hochmah), praticada no Antigo Testamento, tenha inspirado a São João o recurso ao vocábulo Lógos (Palavra) para designar o Cristo preexistente (anterior à criação do mundo) ou o Filho de Deus, que se manifestou na carne humana para revelar aos homens o Pai e o seu plano de salvação, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 29).

• **A Encarnação:** Em S. João o Deus Filho se fez carne para nos apresentar Deus e seu plano de Salvação e esta importância que S. João dá à Encarnação do Filho é porque devido a ela Deus consagrou tudo o que é humano:

valorizando o mistério da Encarnação, o evangelista se compraz em transmitir o longo discurso em que Jesus promete um pão que é sua carne para a vida do mundo; através de sua natureza humana o Filho comunica aos homens os dons do Pai; a sua humanidade é o instrumento ou o sacramento da Divindade: Encarnação ou o Natal já dá início à redenção (restauração) do homem e do mundo, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 30).

Em seu Evangelho S. João aborda a Cristologia descendente, de cima para baixo, pois Jesus é Deus que se digna a viver entre os homens.

Enquanto S. Marcos, S. Mateus e S. Lucas abordam a Cristologia ascendente, onde Jesus se revela aos poucos como Deus e morre por ter se professado como Filho de Deus, em S. João se apresenta seu lado transcendental dentro “dos episódios mais humanos da vida de Jesus: a crucificação do Senhor, com tudo o que ela tem de sangrento e esmagador, é tida como exaltação de Jesus [...]”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 30).

• **Igual a Deus e Revelador do Pai e do Espírito:** a transcendência de Jesus se revela pelo uso da expressão “Eu Sou”, no Evangelho de S. João da mesma forma como Yahweh se revelou a Moisés no A. T. como “Eu Sou”, ou seja, Aquele Que É.

Jesus revela o Pai e isto consta na passagem onde Jesus diz a Filipe: “[...] Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai!’?”, (Jo 14,9); e Jesus revela o Espírito Santo, o Paráclito que dá continuidade à obra de Jesus e é enviado pelo Pai e pelo Filho.

• **Jesus Salvador:** Jesus veio ao mundo para libertar o homem do domínio de Satanás. Este é um anjo decaído que durante todo o tempo provoca o homem para a soberba e para cair em pecado, e quando consegue fazê-lo ele afasta o homem de Deus, no que adquire certa ascendência sobre o homem e sobre o mundo, lhe angariando o título de Príncipe deste mundo.

E então S. João nos mostra a vinda de Jesus em resgate à desobediência de Adão, pois sua obediência ao Pai é incondicional: “[...] o príncipe do

mundo vem; contra mim, ele nada pode, mas o mundo saberá que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou”, (Jo 14,30-31).

1.5 A Cristologia de São Paulo

Os Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João são baseados no que os Apóstolos vivenciaram com o Mestre, já o testemunho de S. Paulo difere deles porque ele atesta Jesus Cristo após sua morte e ressurreição.

Sendo posterior à vida de Jesus, o testemunho de S. Paulo é um dos mais importantes do N.T.:

São Paulo escreveu suas cartas entre 51 (1Ts) e 67 (2Tm). Escreveu, portanto, num período muito próximo à Ascensão do Senhor. Revela, porém, uma Cristologia muito elaborada, sinal de que a imagem de Jesus, após Páscoa, aflorou com pujança e nitidez à consciência dos primeiros cristãos; sem demora evidenciou-se o mistério do Homem-Deus, que, ressuscitado, se manifestou como o Kyrios ou o Senhor dos vivos e dos mortos (Rm 14, 7-9), (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 33).

• **Preexistência e Encarnação:** a preexistência que Jesus possuía englobava não somente sua natureza como também a Glória de Deus e a encarnação, a partir de onde se despoja da aparência divina para uma natureza humana e obediente até o mais triste fim.

São Paulo apenas reafirma o que era já crença desde antes dos primeiros cristãos e não uma doutrina nova inventada por ele:

Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!, (Fl 2,6-8).

• **Cristo Cabeça:** Em São Paulo há o reconhecimento de Jesus como Cabeça do Corpo (Igreja), pois não o conhecia quando ainda saía à caça de cristãos até o dia em que ele viu Jesus envolto por imensa luz lhe perguntando: “Saul, Saul, por que me persegues?”, (At 9,4). Está então confirmada a identificação da Igreja como o Corpo que segue a Cabeça, que é Cristo.

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança [...]”, (Gn 1,26). Este versículo nos apresenta a existência de Jesus antes de

Ele se manifestar entre os homens:

mais precisamente, no plano da criação, o texto afirma que Cristo é a Imagem do Deus Invisível. Imagem significa manifestação, Palavra (cf. Jo 1, 1) do Pai (que nunca tomou forma humana, mas se revela na terra mediante o seu Filho, que é a sua Palavra e Imagem). Além disto, Cristo é tido como o grande referencial ou eixo de toda a criação. Tudo foi feito em vista dele, por Ele e para Ele, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 34).

• **O Segundo Adão:** São Paulo dá este título ao Jesus e isto exprime toda a doutrina da salvação (Soteriologia) que professa: “Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida”, (1Co 15,22).

São Paulo vemos a obediência que Adão não teve, a qual não foi imitada por Cristo:

feito homem, o Filho de Deus prestou ao Pai o ato de obediência e amor que o primeiro Adão lhe recusou; foi até a morte por obediência, visto que o primeiro Adão fora até a morte por desobediência; resgatou assim a natureza humana, a vida e a morte do homem, dando-lhes um sinal positivo em lugar do sinal negativo que tinham; sofrendo a dor e a morte (consequências do primeiro pecado), (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 35).

• **Filho de Deus:** Em São Paulo a expressão Filho de Deus designa o próprio Deus, que já existia antes em vida trinitária, devido a isto o Filho é enviado pelo Pai, o qual: “[...] não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós [...]”, (Rm 8,32).

Portanto, a natureza humana de Jesus junto ao fato de este ser Filho de Deus, torna a todos nós irmãos em Cristo e coerdeiros do Pai Celestial.

“A vida cristã é vida pela fé no Filho de Deus, que nos amou e se entregou por nós; cf. Gl 2, 20. Somos feitos filhos no FILHO”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.36).

• **Senhor (Kyrios):** S. Paulo denomina a natureza humana glorificada de Jesus como Kyrios, pois em São Paulo Jesus, o homem é o Senhor da vida e da morte, venceu o pecado. Kyrios (Senhor) é a tradução do hebraico Adonai (meu Senhor). “Donde se vê a riqueza de significados do título Kyrios atribuído a Jesus”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.36).

É interessante observar que os judeus deixaram de pronunciar o nome de Deus nas leituras litúrgicas, por respeito e para tanto adotaram o termo

Adonai (meu Senhor) é devido a este motivo que a tradução dos Setenta transfere Javé para Kyrios (Senhor), exprimindo a fé cristã na transcendência e na divindade de Jesus:

1.6 Cristo em Hebreus

São Paulo não escreveu a Epístola aos Hebreus e sim “[...] um discípulo do Apóstolo, que formula a teologia em sua linguagem própria. - A imagem característica de Cristo nessa epístola é a de Sacerdote e Rei.”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.37).

• **Cristo Sacerdote:** O oferecimento de Jesus não ocorreu devido aos próprios pecados, mas sim devido ao pecado dos homens e é importante ressaltar que ele não ofereceu sangue de animais em sacrifício, mas o próprio sangue, sinal de sua entrega e obediência a Deus:

Mesmo após ter ascendido aos céus Jesus Cristo como Sacerdote continua Sua intercessão por nós, pois ele não precisa, de “[...] oferecer sacrifícios a cada dia, primeiramente por seus pecados, e depois pelos do povo. Ele já o fez uma vez por todas, oferecendo-se a si mesmo.”, (Hb 7,27).

Fica então claro em todo o quadro figurativo a nitidez de as vítimas oferecidas no A.T. serem animais irracionais e o próprio homem as oferecendo em sacrifício, estabelecendo, desta maneira, um plano inferior de relação com Deus, em todos os níveis e sentidos, tendo em vista a oferta que Cristo faz de Si:

no Novo Testamento, Jesus não oferece vítimas irracionais, mas oferece sua vontade e seu amor de homem verdadeiro; oferece assim o que Deus quer, ou seja, o coração do homem. Esta oferta é sangrenta, pois significa o Não ao pecado e ao velho homem, que tem de ser destruído para que se possa formar o novo homem. Jesus não tem pecado, mas assume a sorte do pecador e abre a este o caminho da renovação mediante sua morte e ressurreição. Eis o porquê do sacrifício de Cristo na cruz, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 38).

• **Cristo Rei:**

No A.T. a realeza pertencia à tribo de Judá enquanto os sacerdotes pertenciam à tribo de Levi e, o respeito era tanto que a todos que não fossem

sacerdotes era proibido executar as funções sacerdotais como foi o caso do rei Ozias que ficou ferido por lepra até o dia de sua morte, (2Cr 26,16-23).

Porém, Jesus era Sacerdote da ordem de Melquisedeque, rei de Salém e Sacerdote de Deus Altíssimo (Hb 5,8-10) e não de Levi, ponto em que Jesus aboliu o Sacerdócio do A. T. e inovou com o seu próprio Sacerdócio, além do fato de que jamais cessará seu ministério enquanto durar a história do homem.

A Epístola aos Hebreus ao apresentar a figura de Jesus Cristo: “Desvenda um aspecto implicitamente contido nas epístolas paulinas; ver Ef 1,20-2,10; Cl 1,18-20; Rm 8,35s. Assim é enriquecida a síntese cristológica do Novo Testamento.”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.39).

1.7 A Cristologia no Apocalipse

Apocalipse é uma palavra de origem grega que significa revelação, ou seja, como o próprio nome indica seu conteúdo contém eventos que acontecerão muito tempo depois de terem sido escritos.

- **Senhor da História:** o apocalipse foi escrito por S. João, com a intenção única de consolar os cristãos, que eram perseguidos pelos romanos aproximadamente no ano 96, pois estes sofriam uma perseguição terrível e apenas o retrato de Jesus vindo entre nuvens para julgar os homens seria o suficiente para manter a fé entre aqueles que pelo fato de serem cristãos já estavam condenados ao martírio e/ou morte:

desta maneira a imagem de Cristo no Apocalipse é exaltada, ao máximo, como Kyrios, Senhor,... e Senhor porque, como homem, ele participou da realidade frágil e mortal de todos os homens a fim de santificar e levar à plenitude da Vida., (BETTENCOURT, (s.a.), pg.42).

- **O Todo-Poderoso:** no primeiro capítulo do Apocalipse S. João se utiliza do termo grego “Pantokrátor” que designa a expressão de “Onipotente”, Aquele que tudo Rege, e na versão dos Setenta se traduz da expressão “Sabaoth“, com o significado de Deus “o dominador das potências terrestre e celestiais”. Jesus Cristo é equiparado ao Pai: por receber a mesma adoração, por sentar no mesmo trono Divino e por ser, como

Deus, fonte de luz e de glória, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.42).

• **O Rei dos Reis:** o título de Jesus Cristo como Rei dos Reis é descrito por S. João: “Um nome está escrito sobre seu manto e sobre sua coxa: Rei dos reis e Senhor dos senhores.”, (Ap 19,16).

Esse Rei é também o Verbo de Deus, aquele que S. João menciona no prólogo do seu Evangelho como sendo o Verbo preexistente ao mundo e que era o próprio Deus, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.43).

O que S. João confirma: “[...] veste um manto embebido de sangue, e o nome com que é chamado é Verbo de Deus”.

1.8 Títulos no Novo Testamento

Conforme abordado até o momento, Jesus recebe os Títulos de: Filho do Homem, Senhor, Cristo, Filho de Deus, Servo de Davi e Deus.

Os quatro primeiros títulos acima citados já foram explanados nos tópicos anteriores e este tópico apenas complementarará os Títulos atribuídos a Jesus que já estavam inseridos junto aos outros Títulos abordados, porém não podiam receber seu devido destaque por fazerem parte da explanação.

• **Servo de Davi:** do hebraico Ebed Yahweh tem sua importância em um personagem, uma vítima que se oferece em sacrifício de intercessão e expiação dos pecados, não pessoais, mas dos outros pecadores: “este é um personagem misterioso que aparece no “Livro da Consolação”, escrito para Israel exilado (587-538 a.C.); trata-se de quatro poemas: Is 42,1-7; 49,1-6; 50, 4-9; 52,13-53,12.”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.46).

Jesus mesmo atribuía à sua missão o fato de ter vindo para servir e dar sua vida em resgate de muitos:

assim se vê que a Paixão de Jesus não foi um martírio a mais na série dos Profetas de Israel, mas foi uma oferta voluntariamente realizada a fim de cumprir uma missão ou de atingir a sua Hora: “Dou a minha vida para retomá-la. Ninguém me arrebatou, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e o poder de retomá-la” (Jo 10, 17s)., (BETTENCOURT, (s.a.), pg.47).

• **Deus:** o Novo Testamento considera integralmente Jesus como Deus,

tanto que S. Paulo formulou sua doxologia bendizendo Cristo por todos os séculos; São Tomé reconheceu Jesus como “Meu Senhor e meu Deus”; S. João inicia seu Evangelho chamando-O Lógos e, em sua primeira Epístola chama-o: “[...] Este é o Deus verdadeiro e a Vida eterna.”, (1Jo 5,20).

o título assim aplicado significa identidade de natureza ou de substância do Filho com o Pai. Com efeito; se o Pai é o fim do plano de salvação dos homens, o Filho o é igualmente: Rm 11, 36; H 2, 2; 1 Cor 8, 6; Cl 1,16. Se o Pai julga, o Filho também julga: Rm 2, 2 e 2Cor 5, 10; Rm 2, 16 e 1Cor 4, 5. O Filho ou Jesus Cristo é uma das três Pessoas associadas nas fórmulas trinitárias: 2Cor 13, 13; Mt 28, 19, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.48).

1.9 Jesus nos Documentos Apócrifos

Apócrifo é uma palavra grega *apokryphos* significa aquele que está oculto, ou seja, não pode ser confirmada sua origem. Este tipo de documento não tem valor histórico e científico.

Será apresentado neste tópico uma das três versões de uma suposta carta de Públio Lêntulo, antecessor de Pôncio Pilatos e governador da Judeia, ao imperador romano Tibério César (14-37) e também um documento denominado Decreto de Pôncio Pilatos, que versa sobre a condenação de Jesus á morte.

Em sua carta a Tibério, Públio Lêntulo descreve Jesus como um homem de estirpe nobre, belo, majestoso, pele branca, lisa, sem rugas, boca, nariz, mãos e braços perfeitos, cabelos castanhos divididos ao meio e caindo pelos ombros, barba curta e espessa, olhos de brilho intenso, motivo pelo qual tornava-se impossível fixar seu rosto por muito tempo.

Era alegre e austero, amado e respeitado por todos, usa sandálias, não cobre a cabeça, era discreto e também era considerado um prodígio, pois nunca estudou e tinha grande sabedoria,

Segundo a missiva de Públio Lêntulo, Jesus era uma pessoa impar, não havia, portanto, outro como ele no mundo e sua aparência: “[...] é a mais bela possível de imaginar-se, semelhante à sua Mãe, que é a mais formosa das mulheres vistas aqui nesta região.”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.49).

É importante realçar as palavras dos hebreus sobre Jesus Cristo, pois eles ouviam Seus conselhos e os achavam de alta instrução.

Publius Lentulus descreve:

muitos judeus o consideram divino e creem n'Ele, enquanto outros vêm a mim para condená-lo, por estar em contradição com Vossa Majestade. É notório que jamais infligiu qualquer mal a quem quer que seja, e que somente pratica o bem. Todos os que o conhecem e com Ele mantêm relações, dizem que d'Ele receberam curas e benefícios, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.49).

O documento com a sentença de Jesus Cristo tem uma cópia Autêntica do Processo de Jesus no museu da Espanha e descreve que:

no ano dezenove de TIBÉRIO CÉSAR, Imperador Romano de todo o mundo, Monarca invencível, na Olimpíada cento e vinte e um, e na Eliada vinte e quatro, da criação do mundo, segundo o número e cômputo dos Hebreus, quatro vezes mil cento e oitenta e sete, do progênio do Romano Império no ano setenta e três, e na libertação do cativo de Babilônia no ano de mil duzentos e sete, sendo governador da Judéia QUINTO SÉRGIO, sob o regimento e governador da cidade de Jerusalém, Presidente Gratíssimo, PÔNCIO PILATOS; regente na Baixa Galiléia, HERODES ANTIPAS; pontífice do sumo sacerdote, CAIFÁS; magnos do Templo, ALIS ALMAREL, ROBRÁS ACESEL, FRANCHINO CEUTAURO; cônsules romanos da cidade de Jerusalém, Quinto CORNÉLIO SUBLIME e SIXTO RUSTO, no mês de março e dia XXV do ano presente - EU, PÔNCIO PILATOS, aqui Presidente do Império Romano, dentro do Palácio e arqui-residência, julgo, condeno e sentencio à morte Jesus chamado pela plebe CRISTO NAZARENO e galileu de nação, homem sedicioso, contra a Lei Mosaica - contrário ao grande Imperador TIBÉRIO CÉSAR. Determino e ordeno, por esta, que se lhe dê morte na cruz, sendo pregado com cravos como todos os réus, porque, congregando e ajustando homens, ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos por toda a Judéia, dizendo-se Filho de DEUS e REI de ISRAEL, ameaçando com a ruína de Jerusalém e do sacro Templo, negando o tributo a César, tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos e em triunfo, com grande parte da plebe, dentro da cidade de Jerusalém. Que seja ligado e açoitado, e que seja vestido de púrpura e coroadado de alguns espinhos, com a própria cruz aos ombros para que sirva de exemplo a todos os malfeitores, e que, juntamente com ele, sejam conduzidos dois ladrões homicidas; saindo logo pela porta sagrada, hoje ANTONIANA, e que se conduza JESUS ao monte público da Justiça, chamado CALVÁRIO, onde, crucificado e morto, ficará seu corpo na cruz, como espetáculo para todos os malfeitores, e que sobre a cruz se ponha, em diversas línguas, este título: JESUS NAZARENUS, REX JUDAEORUM. Mando, também, que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se

atreva, temerariamente, a impedir a Justiça por mim mandada, administrada e executada com todo o rigor, segundo os Decretos e Leis Romanas, sob as penas de rebelião contra o Imperador Romano. Testemunhas da nossa sentença: Pelas doze tribos de Israel: RABAIM DANIEL, RABAIM JOAQUIM BANICAR, BANBASU, LARÉ PETUCULANI. Pelos fariseus: BULLIENIEL, SIMEÃO, RANOL, BABBINE, MANDOANI, BANCURFOSSI. Pelos hebreus: MATUMBERTO. Pelo Império Romano e pelo Presidente de Roma: LÚCIO SEXTILO E AMACIO CHILÍCIO, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.51-52).

1.10 Jesus antes dos 30 anos

Os Evangelhos relatam a passagem de Jesus pela terra até os seus doze anos de idade, quando discute no Templo com os doutores da lei (Lc 2,46-47) e após isso somente no início de sua vida pública porque os Apóstolos não escreveram sua vida com a finalidade de uma biografia, a intenção dos Evangelhos sempre foi a de catequização.

Na idade certa Jesus se apresentou no Templo conforme a prescrição judaica e as ofertas da Lei e de lá voltou para Galileia, para sua cidade Nazaré, onde cresceu “[...] em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens”, (Lc 2,52).

S. Marcos e S. Mateus confirmam o pensamento de S. Lucas no momento em que descrevem as reações das pessoas na primeira vez de Jesus na Sinagoga de Nazaré onde todos se assombraram que o filho de um carpinteiro de uma família conhecida tivesse tamanha inteligência, conhecimento e sabedoria: “E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos?”, (Mc 6,2), “Não é ele o filho do carpinteiro?”, (Mt 13,55).

dão-nos a saber que o Senhor, antes de iniciar a vida pública, exercia um mister na Palestina: era, sim carpinteiro conhecido como tal e vinculado a uma família bem conhecida. Tenha-se em vista Mc 6, 2s. Os conterrâneos de Jesus conheciam perfeitamente a identidade deste; sabiam o que fizera até se manifestar em público: fora carpinteiro; daí a surpresa que experimentaram quando de seus lábios ouviram uma sabedoria não adquirida em escola humana. Pai adotivo foi José. Há dito dos rabinos: “quem não ensina um ofício a seu filho, ensina-o roubar”. Carpinteiro que conhecia todas as modalidades do trabalho com madeira; naggar, em aramaico, tekton, em grego => marceneiro e mestre de obras, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.59).

1.10.1 Jesus e os Essênios

Muitos estudiosos contemporâneos creem que Jesus tenha sido discípulo dos essênios, um povo voltado ao ocultismo e ao esoterismo.

Os essênios eram sacerdotes que se retiraram para o deserto de Qumran para se dedicarem apenas ao trabalho e à oração.

Estes monges ascetas tinham um Superior denominado “Mestre da Justiça”, que interpretava as Sagradas Escrituras e ensinava aos discípulos a renovação da fidelidade à Lei Mosaica, e o conseqüente afastamento da vida pagã.

Há grandes divergências entre Jesus e o Mestre da Justiça que:

- sofreu perseguição por partes dos dirigentes superiores da nação, mas não foi condenado à morte, segundo os textos de Qumran ele “se reuniu com seus pais” (a morte tranquila dos Patriarcas) e nada diz a respeito de ressurreição, totalmente diferente de Jesus;
- se retira para o deserto com seus discípulos para não ter contato com os “imundos”, enquanto Jesus fazia questão de estar o tempo todo entre os pecadores;
- aguardava o final dos dias e a instauração do reino de Deus através a obra de dois Messias, enquanto Jesus era consciente de ser o Messias;
- havia um distanciamento de Deus por ser um pecador indigno, enquanto Jesus perdoava os pecadores;
- carregava em seu bojo vestígios de esoterismo ou ocultismo, enquanto Jesus pregou às claras para a multidão e também pediu que seus discípulos fizessem o mesmo.

não há em nossos dias exegeta de autoridade que, na base dos manuscritos de Qumran, identifique Jesus com o mestre da Justiça¹ ou com um essênio. O autor que é tido como pioneiro desta tese, A Dupont-Sommer, apenas a insinuou, mas nunca a afirmou como tal, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.61).

1.11 Os Controversos “Irmãos” de Jesus

Indícios que apontam de que os “irmãos” de Jesus não eram filhos de Maria:

- aos doze anos Jesus foi com os pais a Jerusalém e após estes notarem seu sumiço retornaram a Jerusalém, para pegá-lo e depois tomaram novamente o caminho de casa, o que daria um tempo aproximado de quinze dias. Ora, Maria era uma excelente mãe como abandonaria os “irmãos” de Jesus sendo menores que ele?

- os irmãos de Jesus eram menores que Ele, a atitude autoritária que tomaram: “[...] saíram para detê-lo, porque diziam: ‘Enlouqueceu!’”, (Mc 3,21). Não teria sentido se Jesus fosse mais velho, uma vez que havia respeito diferenciado em relação a primogênitos.

- tais atitudes autoritárias também ocorreram por ocasião da festa das Tendas quando seus “irmãos” disseram-lhe: “[...] ‘Parte daqui e vai para a Judéia, para que teus discípulos vejam as obras que fazes, pois ninguém age às ocultas, quando quer ser publicamente conhecido. Já que fazes tais coisas, manifesta-te ao mundo!’”, (Jo 7,3-5).

- Jesus pede ao “o discípulo a quem amava”, alguém de outra família, que tome conta de sua mãe: “Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.”, (Jo 18,27). Pedido contrário às ações de Jesus, pois caso seus irmãos fossem menores e estivessem em casa, quem cuidaria deles?

- no Evangelho não se encontra a expressão que é utilizada de maneira normal para se referir a uma mulher com muitos filhos: “Maria e seus filhos”, ao contrário, o Evangelho sempre se refere a “Maria e os irmãos de Jesus”. E por serem irmãos de Jesus não indica necessariamente que seriam filhos de Maria.

Inclusive existe uma tradição antiga:

consignada no apócrifo Protoevangelho de Tiago, que data do século II, afirma que os “irmãos de Jesus” eram filhos de São José, tido como viúvo quando se casou com Maria SS. O texto do apócrifo transmite esta concepção em estilo assaz fantasioso, que não pode ser tomado ao pé da letra, mas não deixa de exprimir a convicção, dos antigos cristãos, de que os “irmãos de Jesus” não eram filhos de Maria, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.65).

Conforme visto, os estudiosos que gostam de atribuir a Maria Santíssima vários filhos, não podem se basear na Bíblia Sagrada para fazer valer os seus argumentos, porque a Bíblia diz exatamente o contrário deles: Maria teve um único filho chamado Jesus, uma obra do Espírito Santo, anunciado pelo Anjo Miguel, cujo nome foi escolhido pelo próprio Deus.

1.12 O Recenseamento De César Augusto

“Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria. E todos iam se alistar, cada um na própria cidade. Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, para a Judéia, na cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com Maria, sua mulher, que estava grávida.” (Lc 1,5).

Este Censo relatado por São Lucas refere-se ao censo imposto pela administração romana do reinado de César Augusto (27 a.C. a 14 d.C.), quando Públio Sulpício Quirino (6 e 12 d.C.) era governador da Síria após Herodes Arquelau (tetrarca da Judeia) ter sido expulso.

Vários historiadores e estudiosos encontram dificuldade em dar credibilidade a este texto de São Lucas, porque não existem registros históricos de que Herodes e Quirino tenham governado ao mesmo tempo as regiões do Oriente.

Porém rica documentação dos antigos historiadores Tito Lívio, Suetônio, Flávio Josefo, Strabo e de inscrições antigas reconhecem que:

[...] Augusto três vezes promoveu o recenseamento dos cidadãos de seu Império entre 28 a.C. e 14 d.C., Quirino pode ter sido o executor de um desses recenseamentos nas regiões confiadas à sua jurisdição, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.70).

Outra possível ocorrência para gerar desconfiança deve-se ao fato de que o termo prótos (primeiro) tenha sido usado no significado de “anterior” conforme eram escritos os outros textos do Novo Testamento. Assim sendo, a frase passa a ter o seguinte sentido: “Este recenseamento ocorreu antes daquele que foi feito sob Quirino, Prefeito da Síria”.

“Como se vê, o problema levantado pela crítica moderna, já reconhecido pela exegese científica, tem solução, e em nada afeta a historicidade da narração de Lucas”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg.70).

RESUMO MÓDULO I - A CRISTOLOGIA DOS APÓSTOLOS

• CRISTOLOGIA

É definido pela etimologia como o estudo ou discurso (Lógos) sobre Jesus Cristo.

Pode ser ascendente como nas Epístola aos Filipenses ou descendente como no Evangelho Segundo S. João.

A Cristologia ascendente aborda o aspecto humano de Jesus como Servo obediente de Deus.

A Cristologia descendente aborda a Divindade de Jesus Deus Encarnado que habitou e viveu com os homens e como os homens, exceção seja feita ao pecado, o qual Jesus não cometia.

• A CRISTOLOGIA DOS APÓSTOLOS

A Cristologia de São Marcos

- **Filho do Homem**
- **Jesus Messias**
- **Filho de Deus**

• **Milagres de Jesus:** para S. Marcos Jesus era Deus e fazia as coisas que somente a Deus cabe fazer: milagres com enfermos, ressuscitar pessoas aquietar tempestade, dentre outros.

A Cristologia de São Mateus

- **Messias o Filho de Davi**
- **A Majestade de Jesus**
- **O Filho do Deus Vivo**

Jesus tinha o dom de perdoar pecados, algo que somente compete a Deus fazê-lo, ele também enviou os Apóstolos a todas as nações fazendo discípulos e: [...] “batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, (Mt 28,19).

A Cristologia de São Lucas

- **O Salvador**
- **O Senhor**

- **O Filho de Deus**

Cristo (*Christós* na língua grega) é um termo no A. T. que se dirige a reis, aos patriarcas e em especial ao descendente de Davi que resgataria seu povo.

A Cristologia de São João

- **O Lógos**
- **A Encarnação**
- **Igual a Deus e Revelador do Pai e do Espírito**
- **Jesus Salvador**

S. João nos mostra a vinda de Jesus em resgate à desobediência de Adão, pois sua obediência ao Pai é incondicional

A Cristologia de São Paulo

- **Preexistência e Encarnação**
- **Cristo Cabeça**
- **O Segundo Adão**
- **Filho de Deus**
- **Senhor**

Os Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João são baseados no que os Apóstolos vivenciaram com o Mestre, já o testemunho de S. Paulo difere deles porque ele atesta Jesus Cristo após sua morte e ressurreição.

Cristo em Hebreus

- **Cristo Sacerdote**
- **Cristo Rei**

Jesus era Sacerdote da ordem de Melquisedeque, rei de Salém e Sacerdote de Deus Altíssimo (Hb 5,8-10) e não de Levi, ponto em que Jesus aboliu o Sacerdócio do A. T. e inovou com o seu próprio Sacerdócio, além do fato de que jamais cessará seu ministério enquanto durar a história do homem.

A Cristologia no Apocalipse

- **Senhor da História:**
- **O Todo-Poderoso**
- **O Rei dos Reis**

Apocalipse é uma palavra de origem grega que significa revelação, ou seja,

como o próprio nome indica seu conteúdo contém eventos que acontecerão muito tempo depois de terem sido escritos.

- **CRISTOLOGIA**

- **Títulos no Novo Testamento**

- Servo de Javé
- Deus
- Senhor
- Filho do Homem
- Filho de Deus
- Cabeça do Corpo (Igreja)
- Novo Adão
- Rei dos Reis
- Sacerdote
- Verbo
- Todo-Poderoso

- **CRISTOLOGIA DOS APÓSTOLOS**

- **Hebraico**

- - *Ebed Yahweh* – Servo de Javé

- **Grego**

- - *Pantokrátor* – Todo-Poderoso
- - *Christós* - Cristo
- - *Kyrios* - Senhor
- - *Lógos* - Verbo

- **JESUS NOS DOCUMENTOS APÓCRIFOS**

- O antecessor de Pôncio Pilatos e governador da Judeia, Públio Lântulo escreveu uma suposta carta ao imperador romano Tibério César (14-37) descrevendo a beleza, a magestade e o nobre caráter de Jesus Cristo.

- Segundo Públio Lântulo, Jesus era uma pessoa impar, não havia, portanto, outro como ele no mundo e sua aparência: “[...] é a mais bela possível de

imaginarse, semelhante à sua Mãe, que é a mais formosa das mulheres vistas aqui nesta região.”

- Existe um documento denominado Decreto de Pôncio Pilatos, que versa sobre a condenação de Jesus á morte.

• JESUS ANTES DOS 30 ANOS

Antes de iniciar sua vida pública, Jesus era um carpinteiro e também era de uma família bem conhecida.

Em Mc 6, 2s. Os conterrâneos de Jesus conheciam sua identidade e estavam surpresos pelo fato de ele ser carpinteiro e ter tamanha sabedoria não adquirida em escola humana.

• JESUS E OS ESSÊNIOS

- Os essênios eram sacerdotes que se retiraram para o deserto de Qumrã para se dedicarem apenas ao trabalho e à oração.

- Não há em nossos dias exegeta de autoridade que, com base nos manuscritos de Qumrã, identifique Jesus com o Mestre da Justiça ou com um essênio.

• OS CONTROVERSOS “IRMÃOS” DE JESUS

- aos doze anos Jesus foi com os pais a Jerusalém e após estes notarem seu sumiço retornaram a Jerusalém, para pegá-lo e depois tomaram novamente o caminho de casa, o que daria um tempo aproximado de quinze dias. Ora, Maria era uma excelente mãe como abandonaria os “irmãos” de Jesus sendo menores que ele?

- os irmãos de Jesus eram menores que Ele, a atitude autoritária que tomaram: “[...] saíram para detê-lo, porque diziam: ‘Enlouqueceu!’, (Mc 3,21). Não teria sentido se Jesus fosse mais velho, uma vez que havia respeito diferenciado em relação a primogênitos.

- tais atitudes autoritárias também ocorreram por ocasião da festa das Tendas quando seus “irmãos” disseram-lhe: “[...] ‘Parte daqui e vai para a Judéia, para que teus discípulos vejam as obras que fazes, pois ninguém age

às ocultas, quando quer ser publicamente conhecido. Já que fazes tais coisas, manifesta-te ao mundo!”, (Jo 7,3-5).

- Jesus pede ao “o discípulo a quem amava”, alguém de outra família, que tome conta de sua mãe: “Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.”, (Jo 18,27). Pedido contrário às ações de Jesus, pois caso seus irmãos fossem menores e estivessem em casa, quem cuidaria deles?

- no Evangelho não se encontra a expressão que é utilizada de maneira normal para se referir a uma mulher com muitos filhos: “Maria e seus filhos”, ao contrário, o Evangelho sempre se refere a “Maria e os irmãos de Jesus”. E por serem irmãos de Jesus não indica necessariamente que seriam filhos de Maria.

• O RECENSEAMENTO DE CÉSAR AUGUSTO

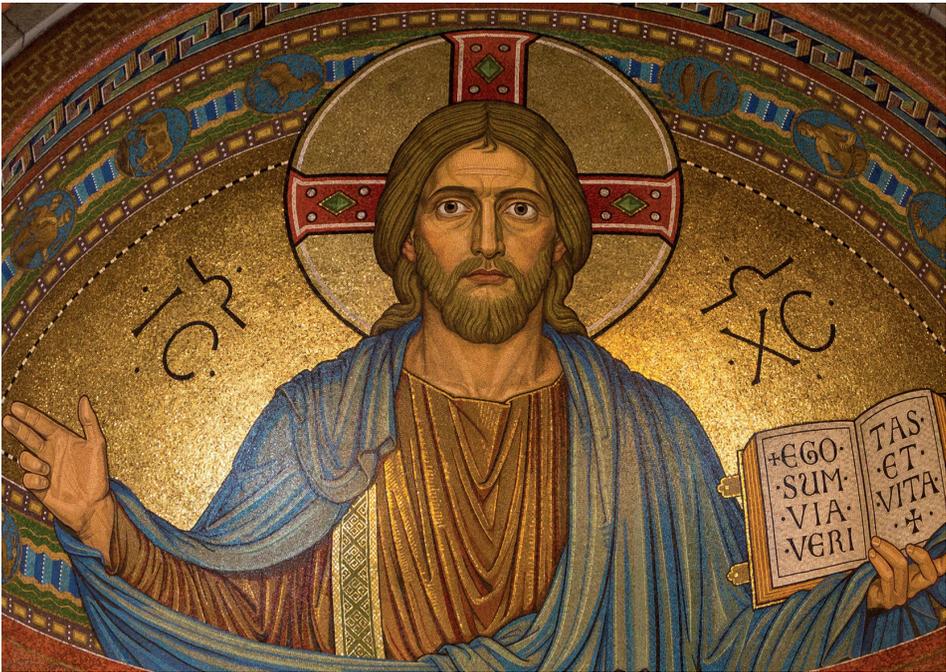
- “Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria. E todos iam se alistar, cada um na própria cidade. Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, para a Judéia, na cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com Maria, sua mulher, que estava grávida.”, (Lc 1,5).

- Vários historiadores e estudiosos encontram dificuldade em dar credibilidade a este texto de São Lucas, porque não existem registros históricos de que Herodes e Quirino tenham governado ao mesmo tempo as regiões do Oriente.

- Porém rica documentação dos antigos historiadores Tito Lívio, Suetônio, Flávio José, Strabo e de inscrições antigas reconhecem que: Augusto três vezes promoveu o recenseamento dos cidadãos de seu Império entre 28 a.C. e 14 d.C., Quirino pode ter sido o executor de um desses recenseamentos nas regiões confiadas à sua jurisdição.

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

1. Como pode ser definido Cristologia?
2. O que é MHF?
3. Jesus se auto-intitula em S. Marcos Filho do Homem por quê?
4. Para quem escrevia S. Mateus e ao que recorria?
5. Qual é a origem de São Lucas?
6. O que enfatiza o Evangelho de S. Lucas?
7. Para que veio ao Mundo Jesus segundo S. João?
8. O que S. Paulo reconhece em Jesus Cristo?
9. Porque Jesus Cristo continua como Sacerdote e intercessor?
10. Com que intenção foi escrito o Apocalipse?
11. O que designa o termo “Pantokrátor”?
12. A que fato Jesus atribuía sua missão?
13. Com quem Jesus se assemelhava?
14. Quem eram os essênios?
15. O que pede Jesus pede ao “discípulo a quem amava” momentos antes de falecer?
16. O que dizem os antigos historiadores Tito Lívio, Suetônio, Flávio José, Strabo sobre o Censo de César Augusto?



Parte II - História do Dogma

MÓDULO II - OS SETE PRIMEIROS SÉCULOS

2.1 Primeiro Século

Existe a necessidade de explorar antigos escritores da Igreja pelo fato de estes terem vivido próximos a época dos Apóstolos e dos primeiros cristãos e também porque seus debates teológicos contribuíram para que se estabelecessem os sete primeiros Concílios Ecumênicos da História da Igreja.

2.1.1 Os Padres Apostólicos

São denominados padres apostólicos os primeiros padres que sucederam os Apóstolos, deram origem à Teologia Patrística e suas doutrinas contribuíram para a reta concepção da Verdade da Fé: São Clemente de Roma (~ 100), S. Inácio de Antioquia (107), pseudo-Barnabé (início do séc. II), a Didaqué (séc. I/II), o Pastor de Hermas (séc. II), entre outros.

Em suas Cristologia ou negavam a humanidade ou a divindade de Jesus e neste dualismo surgiu:

- O docetismo: Deus Filho tinha uma humanidade aparente e não teria sido verdadeiro homem;
- o ebionismo: corrente antitrinitária de origem judaica que professava o monoteísmo e afirmava Jesus apenas como mero homem que recebeu a Força de Deus em seu Batismo.

S. Inácio de Antioquia (+ 107) em sua *Cristologia* confirma a humanidade de Jesus e sua obra salvífica, o que nos mostra que já nas primeiras décadas do Cristianismo é professado o mistério de Jesus como Deus, homem e Salvador, o qual passa a ser desenvolvido por outros escritores em fases posteriores.

“No Ocidente, o último dos Padres é S. Gregório Magno (+ 604); no Oriente, é S. João Damasceno (+ 749).”, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 71).

2.2 Segundo Século

O gnosticismo era uma corrente que se projetou como resultado da filosofia grega com a mística oriental e realçava o grande valor do conhecimento (gnósis) como fator de salvação.

Nesta época destacam-se dois escritores principais, S. Justino (~165 aproximadamente) que se deteve no Logos (Verbo), o qual identificava com Jesus Cristo, da mesma forma como fez S. João (1, 14):

S. Justino teve dificuldades para compreender a relação entre o Pai e o Filho na SS. Trindade [...] fala de Jesus como “o segundo Deus e Senhor, abaixo do Criador do universo”, seu Filho e Servo, que “nasceu da Virgem e se fez homem, e é, como todos, passível” (Diálogo 56, 4; 57, 3). Não se pode tachar de heresia essa afirmação, pois no século II ainda não havia pronunciamento do magistério da Igreja sobre a relação entre Pai e Filho na SS. Trindade. Os pensadores se esforçavam por conciliar entre si a unidade da natureza divina e a trindade das pessoas, (BETTENCOURT, (s.a.), pg. 72).

S. Irineu (~202) fez oposição à gnosis que impregnava o Século II, e que repercutia em sua *Cristologia*: “A *Cristologia* de S. Irineu é mais evoluída do que a de S. Justino, assinalando assim o desenvolvimento da reflexão teológica na Igreja antiga.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 72).

O conceito de S. Irineu implicava em “reunir todas as criaturas sob um só chefe ou uma só cabeça (caput), Cristo”, para combater o gnosticismo que admitia diversos senhores e diversos regimes na história da humanidade, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 72).

2.3 Terceiro Século

No Séc. III ainda vigorava o gnosticismo dualista que negava a Encarnação

do Filho de Deus, quando uma nova corrente despontou: a doutrina do Monarquianismo¹ que rezava um único princípio: a monarquia de Deus, a qual se dividiu em:

- Monarquianismo modalista ou patripassiano: que professava apenas uma pessoa em Deus, sendo o Filho e o Espírito Santo modalidades dessa única Pessoa;

- Monarquianismo dinamista ou ebionita²: que professava que apenas o Pai é Deus e o Filho como homem recebeu a força de Deus.

2.4 Tertuliano (+ ~ 220) e Orígenes de Alexandria (+ 254)³

No ano 195 Tertuliano se converteu ao Cristianismo e sua Cristologia tinha em mira o Gnosticismo e apregouo que: a realidade única de Cristo não exclui, mas implica, uma duplicidade de componentes, reunidos, mas não confundidos; esta duplicidade pertence a uma única pessoa, a do Verbo. Temos aqui a antecipação da fórmula definitiva do Concílio de Calcedônia (451), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 76).

Orígenes de Alexandria foi o mestre mais famoso da Escola Catequética em Alexandria e inspirava-se na filosofia de Platão, às coisas invisíveis e transcendentais.

Em sua Cristologia, Orígenes admitia que o Filho era inferior ao Pai e é a imagem da bondade do Pai que é única.

Na verdade, a alma humana não preexiste ao corpo que ela vivifica, nem mesmo no caso do Verbo Encarnado. O Filho de Deus assumiu diretamente a natureza humana, que consta de corpo e alma, sem necessitar de intermediário. Essa união é ilustrada pela imagem de um carvão em brasa: o fogo penetra diretamente dentro do carvão, tornando-o reluzente e quente como o próprio fogo; assim a Divindade, entrando no humano, quis santificar e transfigurar tudo o que é humano mediante o seu contato direto. A tese de Orígenes assim anunciada haveria de suscitar problemas aos autores posteriores, dada a grande autoridade do mestre alexandrino nos séculos subsequentes, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 76).

2.5 Quarto Século e os Concílios de Nicéia I e Constantinopla I

Após sua “conversão” o Imperador Constantino aplacou a perseguição

á Igreja, o que muito auxiliou bispos e outros estudiosos se aprofundar nas verdades da fé.

A controvérsia ariana e macedoniana foi a grande inspiradora dos Concílios de Nicéia I (325) e Constantinopla I (381), assim como duas escolas catequéticas: a alexandrina e a antioquena que inspiraram os grande debates dos Séc. IV e V.

- a escola alexandrina, seguia o pensamento platônico e neoplatônico, os valores transcendentais e a inter pretação alegórica das Escrituras;
- a escola antioquena, seguia o pensamento de Aristóteles, a lógica, a racionalidade e a interpretação literal das Escrituras.

2.5.1 Arianismo e o Apolinarismo⁴

A primeira grande controvérsia teológica do século IV foi a do Arianismo. Ario foi presbítero ordenado em Alexandria e a partir do ano 318 passou a pregar a subordinação do Verbo ao Pai, cuja doutrina recebeu o nome de Subordinacionismo ariano, ou, arianismo.

Os padres conciliares promulgaram fórmula de fé, a qual rejeitou a doutrina ariana:

Creemos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. Creemos em um só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, Unigênito nascido do Pai, isto é, da substância ousia] do Pai; Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma substância (homooúsios) que o Pai. Por Ele foram feitas todas as coisas, as do céu e as da terra, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 79).

Mesmo assim, os debates teológicos sobre o Verbo de Deus não cessaram ao fim do Concílio de Nicéia I:

os decênios subsequentes ao Concilio de Nicéia foram marcados por calorosos confrontos teológicos, a tal ponto que a heresia, tomando várias facetas como as cores do camaleão, parecia estar prestes a sufocar a reta fé. Um ponto candente da controvérsia foi devido a Apolinário de Laodicéia, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 80).

Apolinário foi eleito Bispo de Laodicéia (Síria) em 361, combateu o arianismo, como exegeta da Bíblia seguia a escola antioquena e era defensor da consubstancialidade do Filho com o Pai.

A questão levantada por Apolinário era: “Que tipo de homem é Jesus Cristo, se Ele é o Verbo feito homem?”, em sua concepção a união de dois perfeitos não redundaria em verdadeira unidade, mas sim em justaposição e assim a única forma de salvar sua unidade seria admitir que Jesus tinha uma natureza humana incompleta ou carecia de alma racional:

o Lógos ou o Verbo de Deus fazia as vezes de alma racional em Jesus. Ademais, dizia Apolinário, se Jesus tivesse uma natureza humana completa, não seria impecável, pois o livre arbítrio é princípio de pecado; Jesus assim não teria a capacidade de realizar a nossa Redenção, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 81).

A tese de Apolinário levantou oposição de todas as partes, foi condenada no Sínodo de Alexandria em 362 e também foi condenada pelo Papa São Dâmaso em 377 e 382.

Quanto ao Concílio Ecumênico de Constantinopla I em 381, este confirmou a condenação da tese de Apolinário alegando que “O que não foi assumido, não foi redimido”, assim,

se o Filho de Deus não assumiu integralmente a natureza humana, esta não foi integralmente salva. Tal princípio é caro à teologia oriental, que vê no próprio ato da encarnação do Filho o início da Redenção humana; o contato da Divindade com a humanidade já a santifica ou “diviniza”; era, portanto, necessário que o Verbo se unisse à natureza humana completa para redimi-la ou recriá-la por completo, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 81).

2.6 Quinto Século e o Concílio de Éfeso

Contra o apolinarismo que reduzia Jesus Cristo a um corpo sem alma racional dois Bispos de pensamento antioqueno: Deodoro de Tarso (+ 393) e Teodoro de Mopsuéstia (+ 428) passaram a pregar que em Jesus não havia somente duas naturezas completas como também duas pessoas: o Verbo e o Homem:

todavia o que tornava vulnerável essa doutrina era a fragilidade do vínculo entre o humano e o divino em Jesus: o vínculo meramente moral ou o vínculo de morador com sua morada havia de parecer insuficiente para proporcionar uma autêntica renovação ou “recriação” da natureza humana. Isto se evidenciou através da pregação do Nestório, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 83).

2.6.1 O Nestorianismo⁵

Nestório (381) começou a condenar a devoção popular dos monges e dos fiéis em geral, que é a devoção a Maria Mãe de Deus (Theotókos).

Ele a julgava apolinarista, pois ela não reconhecia com devida atenção a verdadeira natureza humana de Jesus, sendo assim, pregava que Maria era Mãe de Cristo e era proibido afirmar que ela fosse Mãe do Homem Jesus Cristo.

Também proibia que se afirmasse ser (anthropotókos) para evitar o perigo do adopcianismo, já condenado no século III, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 83).

Ofendidos, os monges e os fiéis de Constantinopla reclamaram ao Patriarca de Alexandria, Cirilo. Que deu apoio à devoção antiga e a seus adeptos e em vão intimou Nestório se retratar.

“Todo o erro dos antioquenos vinha à tona mediante a pregação de Nestório e se combate ao vocábulo Theotókos”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 83).

2.6.2 O Concílio de Éfeso (431)

Como o impasse não terminava Cirilo e Nestório foram ao Bispo de Roma. O Papa Celestino I deu seu apoio a Cirilo, assim como poder de excomungar Nestório caso não se retratasse no prazo de dez dias e Nestório recorreu ao Imperador, convocou um Concílio apoiado pelo Papa, onde os representantes papais:

levavam cartas de Celestino I que indicavam a doutrina a ser adotada (e que era a do próprio Cirilo). O Concílio se reuniu em Éfeso no ano de 431; depôs Nestório, condenando a sua doutrina, o que equivalia a reafirmar Maria como Theotókos ou Mãe de Deus, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 84).

Os Padres conciliares aprovaram uma carta de S. Cirilo de Alexandria, tida como profissão da reta fé, assim as naturezas (humana e divina) em Jesus permaneceram intactas e, confirmava a existência de uma só pessoa (divina) por onde as duas naturezas subsistiam ou estariam unidas, o que seria uma união hipostática. Jesus Cristo tem duas naturezas como homem e Deus ao mesmo tempo.

Um bom número de Bispos orientais julgou perigosa a fórmula Theotókos e somente em 433:

Cirilo e os Bispos que não aceitavam as expressões cirilianas, entraram em acordo, assinando uma fórmula de fé dita “de União”, provavelmente redigida por Teodoro de Ciro. Tal profissão de fé é de origem antioquena, mas ortodoxa, e contribui para ilustrar fielmente a doutrina do Concílio de Éfeso, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 84).

2.7 Sétimo Século e os Concílios de Calcedônia e Constantinopla III

Os discípulos mais radicais de S. Cirilo não estavam satisfeitos com a sua posição e passaram a enfatizar a unidade de Jesus Cristo de forma exagerada a ponto de afirmar em Jesus uma pessoa e uma natureza, a divina.

Em Jesus Cristo constava duas naturezas que mediante Sua Encarnação se fundiram em uma: a natureza divina teria absorvido a natureza humana, de onde surgiu o nome de monofisismo ou monofisitismo.

Esta heresia teve grande repercussão, pois ao propor Cristo como modelo, estaria propondo a divinização dos fiéis cristãos.

Um monge Eutíquio, com pouco preparo teológico afirmou que “a partir da Encarnação do Verbo, só ficava uma natureza em Cristo, a divina”.

Ele foi excomungado pelo Sínodo de Constantinopla e recorreu ao Imperador Teodósio II, o qual convocou um Concílio geral para Éfeso:

presidido por Dióscoro, patriarca de Alexandria, em 449, este Sínodo negou o lugar devido aos legados papais: Dióscoro não permitiu que fosse lida a Epístola de S. Leão Magno a Flaviano, enviada aos padres conciliares; Eutíquio foi proclamado ortodoxo, porque parecia ser fiel a Éfeso e contrário a Nestório. A doutrina das naturezas subsistentes após a Encarnação foi tida como inovação inadmissível. - O Papa S. Leão Magno condenou este falso concílio, designando-o como “latrocínio efesino”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 84).

O repúdio a esta assembleia foi unânime e um novo Concílio Ecumênico foi convocado, para Calcedônia para o ano de 451, cujo Concílio foi o mais concorrido da antiguidade, com seiscentos membros, três deles eram legados papais e neste mesmo ano de 451 proclamou-se o mistério de Cristo baseando-se na carta de S. Leão a Flaviano (Patriarca de Constantinopla), da qual faz parte a polêmica das naturezas cristianas: “As duas naturezas guardam o que é próprio a cada uma e se unem numa só pessoa”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 88).

2.7.1 O Monotelismo

Grande parte dos Bispos alexandrinos julgou a fórmula de Calcedônia contrária à doutrina de S. Cirilo, porém, devida a Apolinário onde haveria “uma só natureza do Verbo de Deus feita carne”.

Sendo o monofisismo condenado em Calcedônia, os adversários do Concílio proporam então o monoergismo (um só princípio de atividade (enégia) que seria divino) e o monoetilismo (Cristo tinha uma só vontade, pois a vontade divina teria absorvido a vontade humana), o que era uma maneira de continuar o monofisismo.

Sofrônio, o Patriarca de Jerusalém ao reconhecer o perigo destas novas formas de monofisismo recorreu ao Papa Honório (625-638) e teve como resposta que era necessário ser fiel a Calcedônia e que a nova questão apresentada era assunto de linguística e não de fé; não havia oposição entre a vontade humana e a vontade divina de Jesus, visto que Jesus não podia pecar; por isto, poder-se-ia falar de uma só vontade em Cristo, (BETTENCOURT (s.a.)).

Com este impasse o imperador Constantino IV propôs ao papa Agatão (678-81) outro Concílio para solucionar o problema.

Este aconteceu em Constantinopla (680-681) e foi denominado Concílio de Constantinopla III:

apregoamos duas vontades naturais em Cristo e duas operações, sem divisão, sem confusão, sem separação, segundo a doutrina dos Santos Padres, todavia duas vontades não opostas entre si... A vontade humana de Jesus segue, sem resistência nem oposição, a vontade divina, à qual está sujeita, pois esta é todo-poderosa... Assim como a carne de Jesus é a carne de Deus, assim também confessamos que a vontade natural própria da sua carne é do Verbo de Deus [...], (BETTENCOURT (s.a.), pg. 90).

1 Abordado no Curso História da Igreja, pág. 22.

2 Ver Tópico 2.1.1

3 Abordado no Curso História da Igreja, págs. 14 e 28.

4 Abordado no Curso História da Igreja, págs. 22 e 24.

5 Abordado no Curso História da Igreja, pág. 24.

RESUMO MÓDULO II - OS SETE PRIMEIROS SÉCULOS

Existe a necessidade de explorar antigos escritores da Igreja pelo fato de estes terem vivido próximos a época dos Apóstolos e dos primeiros cristãos e também porque seus debates teológicos contribuíram para que se estabelecessem os sete primeiros Concílios Ecumênicos da História da Igreja.

Os primeiros padres que sucederam os Apóstolos em suas Cristologia negavam ou a humanidade de Jesus ou sua divindade.

- São Clemente de Roma (~ 100)
- S. Inácio de Antioquia (107) (início do séc. II)
- O Pastor de Hermas (séc. II)

S. Inácio de Antioquia (+ 107) em sua Cristologia confirma a humanidade de Jesus e sua obra salvífica, o que nos mostra que já nas primeiras décadas do Cristianismo é professado o mistério de Jesus como Deus, homem e Salvador, o qual passa a ser desenvolvido por outros escritores em fases posteriores.

- O gnosticismo era uma corrente que se projetou como resultado da filosofia grega com a mística oriental e realçava o grande valor do conhecimento (gnósis) como fator de salvação.

- O conceito de S. Irineu para combater o gnosticismo que admitia diversos senhores e diversos regimes na história da humanidade, implicava em “reunir todas as criaturas sob um só chefe ou uma só cabeça (caput), Cristo”.

No Séc. III ainda vigorava o gnosticismo dualista que negava a Encarnação do Filho de Deus, quando uma nova corrente despontou: a doutrina do Monarquianismo, a professava rezava um único princípio: a monarquia de Deus.

E se dividia em:

- Monarquianismo modalista ou patripassiano
- Monarquianismo dinamista ou ebionita
- Orígenes de Alexandria foi o mestre mais famoso da Escola Catequética em Alexandria e inspirava-se na filosofia de Platão, às coisas invisíveis e

transcendentais.

- Em sua *Cristologia*, Orígenes admitia que o Filho era inferior ao Pai e é a imagem da bondade do Pai que é única.

- Após sua “conversão” o Imperador Constantino aplacou a perseguição à Igreja, o que muito auxiliou bispos e outros estudiosos se aprofundar nas verdades da fé.

- A controvérsia ariana e macedoniana foi a grande inspiradora dos Concílios de Nicéia I (325) e Constantinopla I (381), assim como duas escolas catequéticas: a alexandrina e a antioquena que inspiraram os grande debates dos Séc. IV e V.

- O Arianismo foi a primeira grande controvérsia teológica do século IV. Ele Passou a pregar a subordinação do Verbo ao Pai, cuja doutrina recebeu o nome de Subordinacionismo ariano, ou, arianismo.

- Apolinário foi eleito Bispo de Laodicéia e combateu o arianismo, era defensor da consubstancialidade do Filho com o Pai e levantou a questão: “Que tipo de homem é Jesus Cristo, se Ele é o Verbo feito homem?”

- Concílio de Éfeso: Nestório (381) começou a condenar a devoção popular dos monges e dos fiéis em geral a Maria Mãe de Deus (*Theotókos*).

- Ofendidos, os monges e os fiéis de Constantinopla reclamaram ao Patriarca de Alexandria, Cirilo. Que deu apoio à devoção antiga e a seus adeptos e em vão intimou Nestório se retratar.

- Como o impasse não terminava Cirilo e Nestório foram ao Bispo de Roma. O Papa Celestino I deu seu apoio a Cirilo, assim como poder de excomungar Nestório caso não se retratasse no prazo de dez dias e Nestório recorreu ao Imperador, que convocou o Concílio de Éfeso.

- Monofisismo: os discípulos mais radicais de S. Cirilo não estavam satisfeitos com a sua posição e passaram a enfatizar a unidade de Jesus Cristo, ou seja, duas naturezas que mediante Sua Encarnação se fundiram em uma: a natureza divina teria absorvido a natureza humana, de onde surgiu o nome de monofisismo ou monofisitismo.

- A doutrina das naturezas subsistentes após a Encarnação foi tida como

inovação inadmissível. O Papa S. Leão Magno condenou este falso concílio, designando-o como “latrocínio efesino”.

- Concílio de Calcedônia (451): foi o mais concorrido da antiguidade, com seiscentos membros, três deles eram legados papais e neste mesmo ano de 451 proclamou-se o mistério de Cristo baseando-se na carta de S. Leão a Flaviano (Patriarca de Constantinopla), da qual faz parte a polêmica das naturezas cristianas: “As duas naturezas guardam o que é próprio a cada uma e se unem numa só pessoa”.

- Grande parte dos Bispos alexandrinos julgou a fórmula de Calcedônia contrária à doutrina de S. Cirilo, porém, devida a Apolinário onde haveria “uma só natureza do Verbo de Deus feita carne”.

- Os adversários do Concílio proporam então o monoergismo (um só princípio de atividade (enégia) que seria divino) e o monoetismo (Cristo tinha uma só vontade, pois a vontade divina teria absorvido a vontade humana), o que era uma maneira de continuar o monofisismo.

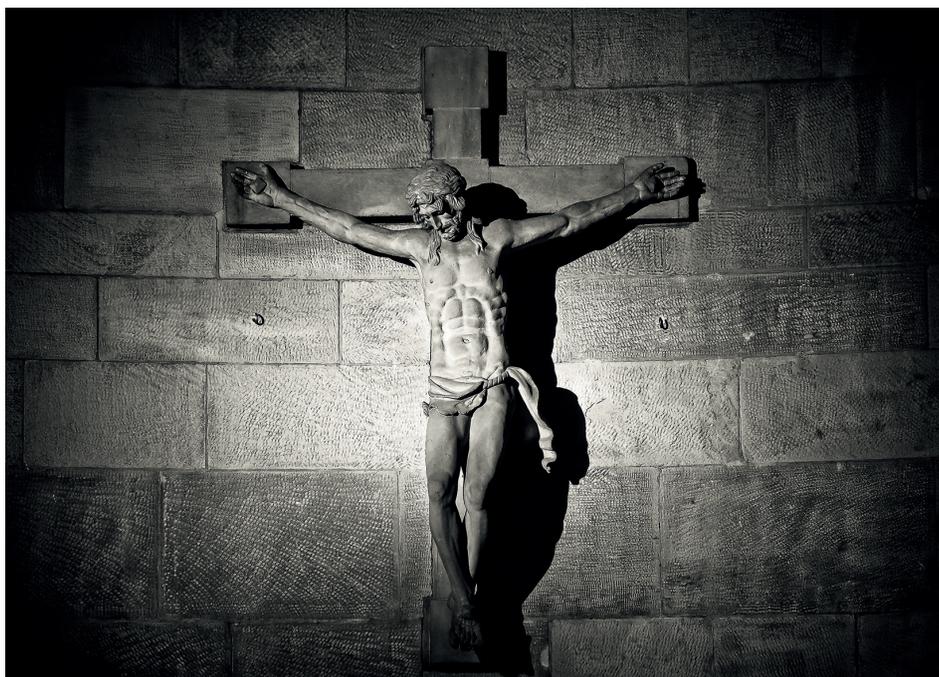
- O imperador Constantino IV propôs ao papa Agatão (678-81) outro Concílio que aconteceu em Constantinopla (680-681).

Concílio de Constantinopla III:

“Apregoamos duas vontades naturais em Cristo e duas operações, sem divisão, sem confusão, sem separação, segundo a doutrina dos Santos Padres, todavia duas vontades não opostas entre si... A vontade humana de Jesus segue, sem resistência nem oposição, a vontade divina, à qual está sujeita, pois esta é todo-poderosa... Assim como a carne de Jesus é a carne de Deus, assim também confessamos que a vontade natural própria da sua carne é do Verbo de Deus”.

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

1. Por que existe a necessidade de explorar antigos escritores da Igreja?
2. O que são Padres Apostólicos?
3. O que surgiu no dualismo das Cristologia destes antigos padres?
4. O que realçava o gnosticismo?
5. Em que se dividiu a doutrina do Monarquianismo?
6. No que se inspirava Orígenes de Alexandria?
7. Qual foi a controvérsia inspiradora dos Concílios de Nicéia I (325) e Constantinopla I (381)?
8. A escola alexandrina e a escola antioquena seguiam os pensamentos de quais filósofos?
9. O que pregava Ario?
10. A tese de Apolinário foi condenada em qual Concílio?
11. O que Nestório passou a condenar?
12. No Concílio de Éfeso foram confirmadas quais naturezas em Jesus Cristo?
13. No sétimo século houve quais Concílios?



Parte III - Aprofundamento Sistemático

MÓDULO III - A PESSOA DE JESUS CRISTO

3.1 A Encarnação

3.1.1 A Precisão

A Encarnação pode ser definida pelas palavras do Concílio de Calcedônia (431): “o fato de Deus fazer-se homem, sem deixar de ser Deus e sem mutilar a natureza do homem.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 93).

A encarnação foi conveniente, por mostrar a ação do Amor infinito de Deus:

- Deus se deu ao homem na criação, fazendo-o à sua Imagem e Semelhança (Gn, 1, 26.-28) e estabeleceu a ordem natural;
- Deus se deu ao homem na elevação à filiação divina, na comunhão com Ele mesmo;
- Deus se deu ao homem na encarnação, nos trouxe a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

A finalidade é a união dos homens com Deus encarnado tornando-os um instrumento da própria Redenção.

O homem tem sua abertura para a Transcendência e para o Sobrenatural:

o homem inclui em sua definição uma referência ao Incompreensível, ao Infinito; é esta referência natural que lhe possibilita ser assumido por Deus em união dita hipostática (duas naturezas numa só Pessoa), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 93).

Vê-se, portanto que a Encarnação foi conveniente e que a natureza divina e a humana foi o pomo comunicador do homem com Deus, pois o próprio Jesus, com sua natureza humana e divina, é a linha entre o homem e Deus.

A precisão da encarnação para o homem mostra a restauração da sua dignidade, da sua recriação por Deus e pelo fato de o Filho de Deus assumir tudo o que é do homem e o divinizar, o sacramento fundamental da salvação.

Toda a vida de Jesus o é, assim como tudo o que Ele viveu, fez, morreu e ressuscitou transformando o homem em uma nova criatura, dando novo sentido à sua existência.

3.1.2 Motivo e Época

Deus é Supremo, é livre para fazer o que quiser como quiser e do jeito que quiser, pois somente poderemos conhecer os desígnios divinos através da revelação do próprio Deus.

No entanto, Deus quis a Encarnação devido ao pecado do homem e nos enviou Jesus, que em hebraico significa Salvador, para nos salvar, ser nosso norte, nosso modelo e então podemos dizer que os pecados dos homens pelo menos uma vez trouxeram uma excelente ocasião que foi o fato da Encarnação, a qual manifesta o Amor de Deus aos homens através do seu próprio Filho.

E, “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho [...]”, (Gl 4,4).

É importante salientar que as próprias palavras de Jesus de que Ele veio por aqueles que necessitam de cura reforçam este versículo de São Paulo, pois a plenitude do tempo significa o momento propício, ou seja a: “época em que os homens estavam profundamente marcados pelo pecado.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 97).

3.2 A União Hipostática

Conforme abordado no Tópico 2.7, em Cristo: “As duas naturezas

guardam o que é próprio a cada uma e se unem numa só pessoa”, o que ficou definido pelo Concílio de Calcedônia (431).

A natureza é a condição própria de um ser então temos Jesus Divino e Jesus Homem, convivendo cada um com sua própria condição em uma só pessoa (Hypóstasis).

Em Jesus Cristo encontramos tudo o que faz subsistir na natureza humana, corpo, cabeça, alma, membros, vontade, amor, afeto, etc., porém, a subsistência da natureza humana de Jesus não era devida a uma pessoa humana, tendo nascido de uma pessoa humana, mas sim, a segunda Pessoa da SS. Trindade, através do mistério da Encarnação, onde se unem a natureza humana e divina, que é denominada hipostática.

3.3 O Filho Unigênito Consubstancial com o Pai

De grande significação para a Cristologia e para a Teologia Trinitária, a consubstancialidade do Filho (mesmo encarnado) com o Pai foi proclamada no Concílio de Nicéia I (325), pois nos mostra que: a realidade mais íntima de Deus se revela em Jesus; precisamente porque Ele é “Deus de Deus, Luz da Luz”, Ele é o verdadeiro Revelador do Pai, (cf. Jo 1,18), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 101).

Deus se define por Pai, Filho e Espírito Santo, vivendo recíprocos e em intercâmbio em uma só Pessoa, portanto:

o Filho e o Espírito Santo não são realidades subordinadas ao Pai, devidas ao desígnio, do Pai, de se dar aos homens; o vínculo que os liga à história da salvação, não os torna menos plenamente Deus como é o Pai, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 101).

3.4 O Mistério do Filho de Deus

No Concílio do Vaticano II o Papa João XXIII pediu aos teólogos que procurassem explanar as verdades da fé de forma compreensível ao homem moderno, usando termos conhecidos a estes, sem faltar com “a absoluta fidelidade às proposições da fé revelada”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 103).

O mistério de Cristo feito homem e o mistério da Santíssima Trindade

são verdades da Revelação que iluminam o Caminho do fiel cristão, por isso a Igreja sempre conservou:

com uma linguagem cada vez mais explícita. Com efeito, no Símbolo de Constantinopla, que até hoje é recitado na celebração eucarística, ela professa a sua fé “em Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos... Deus verdadeiro de Deus verdadeiro... da mesma substância do Pai... que por nós homens e pela nossa salvação... se fez homem” (Missal Romano; DS 150), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 106).

- O Concílio Vaticano I proclamou proposições, as quais confirmam a fé da Igreja em acompanhar santamente, o mistério de Cristo Homem, e transmiti-lo “no decurso dos anos e dos séculos”, (Dei Filius, c. 4; DS 3015).

- O Concílio de Calcedônia proclamou a crença de que o Filho de Deus foi gerado pelo Pai segundo sua divindade:

[...] antes de todos os séculos, e nasceu, no tempo, de Maria Virgem, segundo a Sua humanidade (cf. Concílio de Calcedônia, Definição; DS 301). Além disso, este mesmo Concílio atribuiu o termo pessoa ou hypóstasis ao único e mesmo Cristo, Filho de Deus, usando, porém, o termo natureza para designar a Sua divindade e a Sua humanidade, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 106).

Confirmou-se então que na única pessoa do Salvador estão unidas duas naturezas, a divina e a humana sem confusão e sem mudança, sem divisão e sem separação (cf. Concílio de Calcedônia, Definição; DS 302).

- O Concílio de Latrão IV proclamou confirmou a crença de que o Filho Unigênito, divino como o Pai veio a terra como homem e uma só pessoa com duas naturezas: a divina e a humana, (Firmiter credimus; DS 800s).

- O Concílio do Vaticano II, conforme a Tradição da Igreja confirmou claramente a fé da igreja em várias passagens de todos os seus documentos.

3.5 A fé católica, a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo

A Verdade da Santíssima Trindade é o mistério da Pessoa divina e eterna de Cristo, Filho de Deus, Deus e Espírito Santo: “[...] que procede do Pai pelo Filho” (Concílio de Florença, Laetentur coeli; DS 1300), o que nos é passado pela Divina Revelação:

- o Concílio Vaticano II ensina que o Magistério da Igreja é o único que recebeu “a missão de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida” (II Concílio do Vaticano, *Dei Verbum*, n. 10);

- o Concílio do Latrão IV professou que: “[...] um só é o verdadeiro Deus... Pai e Filho e Espírito Santo: três pessoas, mas uma única essência... o Pai que não procede de ninguém, o Filho que procede somente do Pai, e o Espírito Santo que procede igualmente de ambos, sempre sem início e sem fim”, (*Firmiter credimus*; DS 800).

Destaca-se, então, que os documentos conciliares descritos sobre a Verdade do único e mesmo:

Cristo Filho de Deus, gerado, antes dos séculos, segundo a natureza divina, e, no tempo, segundo a natureza humana, e sobre as pessoas eternas da Santíssima Trindade, pertence à verdade imutável da fé católica, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 107).

3.6 O Mistério da Encarnação

A verdade no mistério da Encarnação ou mesmo da Santíssima Trindade são de suma importância para toda a revelação de Jesus Cristo, pois esta mesma verdade rege a vida cristã por que:

aprouve a Deus, na Sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da Sua vontade, por meio do qual os homens, através de Cristo, Verbo Encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e n'Ele se tornam participantes da natureza divina”, (II Concílio do Vaticano, *Dei Verbum*, n. 2).

3.7 Cristo Homem Verdadeiro

Conforme visto no tópico 3.2 o Concílio de Calcedônia (431) destacou claramente a natureza humana de Jesus ao definir a união hipostática.

Conforme o Papa João Paulo II Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, não um espírito, mas em carne e osso, foi visto e tocado, ficou conhecido de todos em sua época.

E, como homem foi criado á imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27) é de se concluir então que aquilo que é humano pode manifestar o que é divino,

e este foi o caso de Jesus Cristo, pois segundo os Evangelhos Ele Se apresenta e Se dá a conhecer como Deus-Filho.

A Ele foi dado todo o poder no céu e na terra, o poder de participar no dia do Juízo sobre todos os homens, o poder sobre a Lei e o poder de perdoar os pecados:

para Se revelar como Deus não era constrangido a ser “menos” homem. Antes: por este fato Ele era “plenamente” homem, ou seja, na assunção da natureza humana em unidade com a pessoa divina do Verbo, Ele realizava em plenitude a perfeição humana. É uma dimensão antropológica da Cristologia, sobre a qual havemos de tornar, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 113).

A própria ressurreição de Cristo afirma Jesus Homem Verdadeiro, uma vez que Somente o verdadeiro Homem pode morrer crucificado e ressuscitar no terceiro dia. E seu corpo foi visto, tocado e também se alimentou junto com os Apóstolos: “Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o, então, e comeu-o diante deles”, (Lc 24,42-43).

Portanto, não há contradição em Jesus Cristo entre o divino e o humano, pois:

Ele revelou a Sua divindade mediante a humanidade, mediante uma vida autenticamente humana. A Sua “humanidade” semu para revelar a Sua “divindade”: a Sua Pessoa de Verbo-Filho, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 113).

3.8 Ações Teândricas de Cristo

Por teândrica entende-se a forma onde a divindade se transparece através da humanidade, assim com foi com Jesus Cristo.

Vemos em Jesus a natureza divina realizando atividades do próprio Deus, com o perdão dos pecados, os milagres, etc.

Como a natureza divina é indivisível então em Cristo, o Pai e o Espírito Santo estão presentes e explicita-se que Jesus encarnou e recebeu a natureza humana através de Virgem Maria, porém o fato de ter encarnado e subsistido em sua natureza humana, refere-se apenas à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade:

[...] quando a mão de Cristo tocava um doente para curá-lo, era a Pessoa do

Filho que o tocava mediante a sua humanidade. Por isto se diz que Jesus foi o Sacramento Primordial, isto é, o primeiro grande sinal que exprimia Deus e comunicava a vida divina aos homens; através das palavras, dos gestos e das ações de Cristo, era Deus que se dava aos homens. (BETTENCOURT (s.a.), pg. 116).

Em consequência podemos dizer que as ações de Jesus eram instrumentos da Vontade Divina, por este motivo Jesus é denominado "o instrumento do Verbo", assim sendo a Graça que Cristo oferece torna-o Mediador entre Deus e o homem.

Existem dois tipos de operações teândricas:

- de sentido amplo: a natureza humana seguia seu papel humano ao comer, dormir, chorar, etc.
- de sentido estrito onde os poderes de Deus estavam presente nos gestos e nas palavras de Jesus realizando desta maneira um efeito transcendental.

Em Cristo havia a "pericorese", a comunhão de duas operações, devido a isto sua carne se tronou "como que um ferro penetrado por fogo (ferro em brasa) e, ao agir, agia como uma espada em brasa.", (BETTENCOURT (s.a.), pg. 117).

Neste ponto percebe-se que a comunhão de propriedade de Cristo é oposta ao monofisismo e ao nestorianismo:

- o monofisismo admite que a natureza humana teria sido absorvida pela divina, o que foi rejeitado pelo Concílio de Calcedônia que afirmou a identidade de duas naturezas em Jesus, sem mistura, conforme abordado no Tópico 2.7;

- o nestorianismo admite duas pessoas em Jesus e que a comunhão de propriedades ocorre como se fosse apenas ao plano moral e não no plano físico, onde a Virgem Maria seria a Mãe de Cristo (Christotókos) e não Mãe de Deus (Theotókos), que foi rejeitado pelo Concílio de Éfeso que afirmou a união física das duas naturezas, ou seja:

a humanidade de Jesus subsistia não por efeito de uma pessoa humana, mas por obra da Segunda Pessoa da SS. Trindade; tal união do divino com o humano em Jesus era muito mais íntima do que a de esposo e esposa., (BETTENCOURT (s.a.), pg. 118).

3.9 Jesus Divino

A graça da união valoriza as ações que Cristo tomava, pois é um hábito concedido por Deus aos homens para que tenham participação na vida trinitária como filhos de Deus.

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós [...] cheio de graça e de verdade”, (Jo 1,14).

Jesus tinha o Dom da graça enquanto homem Ele vivia intensamente sua filiação divina e recebeu desde o primeiro momento de sua existência humana a plenitude da graça santificante.

Jesus não pecava e admitir isto é admitir que Deus peca, além do fato de que Jesus não poderia ser o Mediador da Salvação dos homens pois Ele mesmo precisaria de um Salvador para ter seu pecado redimido.

Jesus também era um homem livre e em sua liberdade ele foi obediente ao Pai, se entregou à Sua Vontade e como humano, sentia dores e conheceu a miséria do pecado sem efetuá-lo, donde se destaca sua impecabilidade.

Os monotelistas queriam salvaguardar a impecabilidade de Jesus e passaram a negar a existência de Sua vontade, o que foi rejeitado pelo Concílio Constantinopla III (680), uma vez que este pensamento exterminava a natureza humana de Jesus, pois, sendo homem Ele tinha vontade e sofreu tentações, assim como sentiu dores.

Jesus Cristo além de Sua Graça Santificante possuía as virtudes e os dons do Espírito Santo, esta riqueza espiritual se chama “Graça da Cabeça”:

é o Espírito Santo quem nos traz e aplica a graça que flui de Jesus Cristo dentro da Igreja, para a santificação dos cristãos e a convocação dos demais homens à comunhão com o Pai mediante os sacramentos, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 124).

3.10 A Consciência de Jesus

Para podermos nos atrever a estudar a Consciência de Jesus temos de recorrer às Escrituras, à União hipostática e à Psicologia atual.

a) As Escrituras:

- Jesus tinha consciência de ser o Filho único de Deus, que ele chamava “meu Pai” e a consciência de Ele mesmo ser Deus, pois: “exercia seu ministério com incomparável autoridade, que superava a dos antigos Profetas e toca a Deus só”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 123).

Tanto que usa a mesma fórmula de Javé para se designar: “Eu Sou” (Êx 3,14), o que o identifica diretamente como Deus: “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai.”, (Jo 8,28).

- Jesus tinha consciência de que veio para viver na terra, morrer e salvar os homens, esta sua missão foi despojada de interesses próprios, agindo apenas em obediência ao Pai, tanto que era igual aos homens em tudo o que fazia, menos pecar.

- Jesus tinha consciência de que sua obra salvífica duraria por séculos até a eternidade e para tanto instituiu sua Igreja escolhendo:

além dos doze apóstolos, Jesus chamou 72 discípulos (Lc 10,1-12), que enviou também a pregar. O número 12 é o das tribos de Israel, que devem ser convocadas, ao passo que 72 (ou 70) é, na Bíblia, o número tradicional das nações pagãs (cf. Gn 10,1-32); por conseguinte, o povo de Deus, inaugurado por Jesus, deve constar de judeus e pagãos ou, com outras palavras, é aberto a todos os homens (cf. Mt 8,11 s), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 126).

- Jesus tinha consciência do amor igual a todos os homens, zelava de maneira incondicional, homens, mulheres, crianças, doentes, portadores de deficiência, pobres, aflitos, tanto que São Paulo disse: “[...] vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”, (Gl 2,20).

Este amor magnânimo de Jesus contagiou muitos cristãos que passaram a se dedicar ao amor ao próximo mais pobre.

a questão da consciência de Jesus pode ser discutida de maneira sutil e complexa com o auxílio da psicologia do consciente, do subconsciente e do inconsciente, sem que se chegue a resultado satisfatório. Na verdade, se cada ser humano tem dificuldade para conhecer exatamente o que lhe vai no próprio íntimo e mais dificuldade encontra para conhecer o que vai no íntimo de seus contemporâneos, é claro que mais dificuldades ainda terá para dizer o que havia no íntimo de Jesus Cristo, que viveu sua vida mortal há quase dois mil anos, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 128).

b) União hipostática:

• Agnoeta (ignorância em grego) foi uma facção monofisita que afirmava que Cristo além de assumir fraquezas corporais quis também sofrer as limitações do espírito ficando assim sujeito à ignorância como qualquer homem. Esta teoria tinha por fundamento o fato de Jesus ignorar a data do juízo final: “Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai.”, (Mc 13,32).

O Papa Clemente I (600) rejeitou esta teoria e afirmou que:

Jesus, como homem, sabia a respectiva data, mas não a sabia pelas luzes da natureza humana, e, sim, por revelação divina. O progresso do saber humano de Jesus mencionado pelo Evangelho (cf. Lc 2,52) não seria um progresso real do saber, mas apenas um progresso da manifestação desse saber; à medida que progredia em idade, Jesus ia manifestando os tesouros de seus conhecimentos, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 130).

• Idade Média:

Grandes teólogos entre eles S. Tomás de Aquino (+ 1274) conferiram a Jesus Cristo além de sua Onisciência, um tríplice saber devido ao fato de Ele ser a fonte das Graças de Deus aos homens e ser homem:

1. A ciência da visão onde os justos têm um lugar no céu, mas Jesus a prescindiu para sofrer sua Paixão sentindo tudo como homem;
2. A ciência infusa, uma comunicação que provinha de Deus;
3. A ciência adquirida em conformidade com sua vivência.

Destaca-se aqui a ciência (o saber) de Jesus, seu intelecto e sentido, assim como é a todos os homens, adquiridos pela experiência de vida, e o fato de Jesus saber dos desígnios que Deus preparou para sua missão, um comunicado proveniente do próprio Pai.

c) Psicologia:

Jesus era a pessoa do Filho de Deus e em sua consciência o Divino se sobressaía acima de tudo e não interferia em sua noção humana.

Na natureza humana de Jesus existia o “eu” do Filho com consciência psicológica das faculdades humanas, e, ao mesmo tempo, tinha ciência que sua subsistência era devido ao fato de ser a segunda Pessoa da Santíssima

Trindade, portanto torna-se claro que:

não somos obrigados a crer que Jesus pensasse a todo momento: “Eu sou o Filho de Deus”; podemos admitir que ele possuísse tal noção como um hábito que nunca se apagava, mas que nem sempre emergia das profundidades da sua consciência; paralelamente, um rei, embora nunca ignore que é rei, nem sempre está a recordar que é rei da sua nação, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 132).

O Concílio de Calcedônia (451) afirmou que Jesus como homem não perde sua natureza divina, ao contrário Ele:

conservou a onipotência, que ressuscitou mortos, converteu a água em vinho, multiplicou pães ...; conseqüentemente, conservou também o pleno saber de Deus, que passava pelas faculdades humanas de Jesus na proporção em que Jesus o quisesse, manifestando-se em sucessivas declarações; cf. Jo 6,46; 3,11; Mt 11,25s, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 133).

A natureza humana de Jesus também não o impede de realizar os planos divinos mesmo sabendo da imensidão do sofrimento que passaria, uma vez que ele tinha a santidade e a missão de Salvador, conhecia não somente o plano divino como também o próprio mistério de sua Encarnação:

o conhecimento que Jesus tinha de sua Divindade e da sua glorificação, não tornou seus sofrimentos mais leves, como querem crer autores contemporâneos. O contrário é que é verdadeiro: a Paixão de Cristo tomar-se-ia banal se minimizássemos a consciência que Jesus tinha do seu mistério, da sua eminente dignidade de Filho de Deus e da sua missão de Salvador, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 138).

Jesus confiava no Pai e nos desígnios traçados por Ele, em sua fé sem reservas se entregou para o sucesso de uma missão sofredora e consciente de sua Divindade e de sua Humanidade viveu em obediência e sem pecado.

RESUMO MÓDULO III - A PESSOA DE JESUS CRISTO

- **Encarnação:** pode ser definida pelas palavras do Concílio de Calcedônia (431): ”o fato de Deus fazer-se homem, sem deixar de ser Deus e sem mutilar a natureza do homem.”.

- Deus quis a Encarnação devido ao pecado do homem e nos enviou Jesus, que em hebraico significa Salvador, para nos salvar, ser nosso norte, nosso modelo e então podemos dizer que os pecados dos homens pelo menos uma vez trouxeram uma excelente ocasião que foi o fato da Encarnação, a qual manifesta o Amor de Deus aos homens através do seu próprio Filho.

- **União Hipostática:** A natureza é a condição própria de um ser então temos Jesus Divino e Jesus Homem, convivendo cada um com sua própria condição em uma só pessoa (*Hypóstasis*).

- **A consubstancialidade do Filho com o Pai:** Proclamada no Concílio de Nicéia I (325) nos mostra que a realidade mais íntima de Deus se revela em Jesus; precisamente porque Ele é “Deus de Deus, Luz da Luz”, Ele é o verdadeiro Revelador do Pai.

- **O mistério de Cristo feito homem e o mistério da Santíssima Trindade** são verdades da Revelação que iluminam o Caminho do fiel cristão.

- **Os Concílios e suas proposições:**

- O Concílio Vaticano I proclamou proposições, as quais confirmam a fé da Igreja em acompanhar santamente, o mistério de Cristo Homem, e transmiti-lo “no decurso dos anos e dos séculos”, (Dei Filius, c. 4; DS 3015).

- O Concílio de Calcedônia proclamou a crença de que o Filho de Deus foi gerado pelo Pai segundo sua divindade e confirmou que na única pessoa do Salvador estão unidas duas naturezas, a divina e a humana sem confusão e sem mudança, sem divisão e sem separação .

- O Concílio de Latrão IV proclamou confirmou a crença de que o Filho Unigênito, divino como o Pai veio a terra como homem e uma só pessoa com duas naturezas: a divina e a humana, (Firmiter credimus; DS 800s).

- O Concílio do Vaticano II, conforme a Tradição da Igreja confirmou

claramente a fé da igreja em várias passagens de todos os seus documentos.

A Verdade da Santíssima Trindade é o mistério da Pessoa divina e eterna de Cristo, Filho de Deus, Deus e Espírito Santo.

- O Concílio Vaticano II ensina que o Magistério da Igreja é o único que recebeu “a missão de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida” (II Concílio do Vaticano, Dei Verbum, n. 10).

- O Concílio do Latrão IV professou que

- um só é o verdadeiro Deus... Pai e Filho e Espírito Santo: três pessoas, mas uma única essência.

- **Cristo Homem Verdadeiro**

Jesus Cristo como homem foi criado á imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27) é de se concluir então que aquilo que é humano pode manifestar o que é divino, e este foi o caso, pois segundo os Evangelhos Ele Se apresenta e Se dá a conhecer como Deus-Filho.

- Teândrica a forma onde a divindade se transparece através da humanidade, assim com foi com Jesus Cristo: como a natureza divina é indivisível então em Cristo, o Pai e o Espírito Santo estão presentes e explicita-se que Jesus encarnou e recebeu a natureza humana através de Virgem Maria, porém o fato de ter encarnado e subsistido em sua natureza humana, refere-se apenas à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

- Em Cristo havia a “pericorese” a comunhão de duas operações, devido a isto sua carne se tronou “como que um ferro penetrado por fogo (ferro em brasa) e, ao agir, agia como uma espada em brasa.

- A comunhão de propriedade de Cristo é oposta ao monofisismo e ao nestorianismo.

- **Jesus Divino**

- Jesus tinha o Dom da graça enquanto homem Ele vivia intensamente sua filiação divina e recebeu desde o primeiro momento de sua existência humana a pleni tude da graça santificante.

- Os monotelistas queriam salvaguardar a impecabilidade de Jesus e passaram a negar a existência de Sua vontade, o que foi rejeitado pelo

Concílio Constantinopla III (680), uma vez que este pensamento exterminava a natureza humana de Jesus, pois, sendo homem Ele tinha vontade e sofreu tentações, assim como sentiu dores.

• **A Consciência de Jesus**

Para estudar a Consciência de Jesus temos de recorrer às Escrituras, à União hipostática e à Psicologia atual:

- As Escrituras: Jesus usa a mesma fórmula de Javé para se designar: “Eu Sou” (Êx 3,14), o que o identifica diretamente como Deus.
- União hipostática: “As duas naturezas guardam o que é próprio a cada uma e se unem numa só pessoa”, o que ficou definido pelo Concílio de Calcedônia (431).
- Psicologia: Jesus era a pessoa do Filho de Deus e em sua consciência o Divino se sobressaía acima de tudo e não interferia em sua noção humana. Na natureza humana de Jesus existia o “eu” do Filho com consciência psicológica das faculdades humanas, e, ao mesmo tempo, tinha ciência que sua subsistência era devido ao fato de ser a segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

1. Qual a definição sobre Encarnação do Concílio de Calcedônia (431)?
2. Como se defini Deus?
3. O que confirmam as proposições do O Concílio Vaticano I?
4. O que confirmou o Concílio Vaticano II?
5. O que ensina o Concílio Vaticano II ensina sobre o Magistério da Igreja?
6. Por que a própria ressurreição de Cristo afirma Jesus Homem Verdadeiro?
7. Por que não há contradição em Jesus Cristo entre o divino e o humano?
8. Por que Jesus é denominado ”o instrumento do Verbo”?
9. Quais são os tipos de operações teândricas?

10. O que admite o Nestorianismo?
11. O que rejeitou o Concílio Constantinopla III (680)?
12. Onde devemos recorrer para estudar a Consciência de Jesus?
13. O que a natureza humana de Jesus não o impede de realizar?



Parte IV - Cristologias Dissidentes

MÓDULO IV - SOTERIOLOGIA

A Soteriologia, ou o estudo da obra salvífica de Jesus Cristo designa-se na Sagrada Escritura como apolytosis (redenção).

A redenção cristã é uma oposição aos desejos de Deus, aconteceu no início da história e trouxe consequências para todo ser humano.

Como o homem não tem capacidade de apagar a sua falta, ele precisa de um Redentor, que é Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado.

- Redenção Físico-mística: Deus se fez homem, viveu e teve experiências assim como fazem todos os homens desde seu nascimento até a morte:

esta concepção permite-nos dizer que toda a vida terrestre de Cristo foi SACRAMENTO, o SACRAMENTO PRIMORDIAL; com outras palavras:... foi uma realidade sensível pela qual passou a graça de Deus para os homens., (BETTENCOURT (s.a.), pg. 140).

4.1 Encarnação, Vida Pública e Milagres de Jesus

a) Encarnação:

- Jesus Cristo tornou-se o mediador dos homens e Deus, através da Encarnação, apenas pelo fato de existir Cristo já está exercendo mediação: “Tudo neste mundo é avaliado em função de Cristo. Todo o universo converge para Cristo e se recapitula nele; cf. Cl 1,16s”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 140).

• A Edificação de todos os homens iniciou-se na Consagração do Universo, tanto que no homem (mikrokósmos) se resume o mundo (makrokósmos), O próprio Jesus Cristo de certa forma se identifica com materiais: “Eu sou o pão a vida (Jo 6,48), a luz do mundo (Jo 8,12), a porta (Jo 10,9), a verdadeira videira (Jo 15,1), o caminho (Jo 14,6)”;

Ele é o Cordeiro (Jo 1,29), a Pedra angular (Ef 2,20), “Estas expressões significam que todos estes objetos têm seu exemplar no Verbo Encarnado”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 141).

b) Vida Pública:

• O Batismo de Jesus foi um ato de obediência a Deus, porque através dele Jesus aceita com humildade seu desígnio que é a crucifixão.

• A pregação de Jesus é a Vontade de Deus sendo transmitida aos homens e a Palavra de Cristo tem:

sua eficácia é comparada à de uma espada (Ef 6,17; Hb4,12s). Disto se segue a importância da pregação e da catequese. “A fé vem pela pregação, e a pregação é pela Palavra de Cristo” (Rm 10,18), ”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 141).

O Profeta é o mensageiro da Palavra de Deus, só que Jesus é bem mais do que um profeta, porque Ele fala em Seu próprio Nome e não no nome de Deus como faziam os profetas do A. T.:

além disto, por ocasião da Transfiguração, Moisés (a Lei) e Elias (os Profetas) dão testemunho de que Ele é o Messias aguardado, Aquele que põe termo às expectativas dos Profetas; cf. Mt 17,1-13; Mc 9,2- 13; Lc 9,28-36., (BETTENCOURT (s.a.), pg. 141).

c) Milagres

• Milagre (do latim *miraculum*) significa o que provoca admiração e os Evangelhos se servem dos seguintes vocábulos para designar a mesma coisa: *Dynámeis* (forças), é o vocábulo que aponta a fonte dos milagres, ou seja, o poder de Deus e *Semeion* (sinal), o milagre que é o sinal da chegada do Reino de Deus.

O milagre não deixa de ser uma Palavra de Deus, com mais vigor do que as palavras verbais, e Deus os efetua em resposta a uma prece misericordiosa,

oração feita com humildade e confiança ou para tornar autêntica a missão de um enviado.

O autêntico milagre para ser reconhecido como fato real é analisado e pesquisado com exatidão e fidelidade a toda sua realidade:

- as ciências naturais não podem explicá-los, mesmo com toda a tecnologia a disposição, onde “A Igreja apenas aceita os milagres que, à luz de crítica objetiva e severa, pareçam realmente ser sinais de Deus.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 144).

- no contexto histórico do acontecimento deve haver uma resposta divina: “[...] se o milagre é sinal, deve-se inserir em âmbito de diálogo entre Deus e as criaturas.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 144).

É importante observar que fenômenos inexplicáveis pela ciência em relação ao pecado e a corrupção é arapuca do demônio, porém pode ser perfeitamente explicável pela parapsicologia ou pela psicologia principalmente se em presença de doenças funcionais nervosas ocorridas devido a um bloqueio psicológico.

1. Os milagres na vida pública de Jesus:

Os milagres de Jesus confirmavam suas palavras: “Se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos adeptos?”, (Mt 12,27).

Observam-se por estes dizeres que os judeus identificavam Jesus como exorcista, não negavam os Seus milagres, porém tinham fortes dúvidas quanto à suas origens: “[...]“ É pelo principie dos demônios que Ele expulsa os demônios”], (Mc 3,22).

Jesus se queixa que das pessoas dos lugares onde Ele mais havia feito milagres eram os mais incrédulos: “Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidônia tivessem sido realizados os milagres que em vós se realizaram, há muito se teriam arrependido [...]”, (Mt 11,20-24). E responde a São João Batista associando sua Pessoa com aquele que haveria de vir, através de sinais e milagres: “[...] os cegos recuperam a vista,

os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados.[...]”, (Lc 7,18-23).

2. A Historicidade dos Milagres

É através de cinco critérios que os críticos confirmam se o segmento do Evangelho é autêntico ou não:

I. Critério de múltiplo testemunho: Jesus teve testemunha de várias fontes diferentes que dão o testemunho dos Seus milagres.

II. Critério da descontinuidade: Jesus fazia os milagres em seu nome enquanto que no A. T. os profetas o efetuavam em nome de Yahweh.

III. Critério de conformidade: Jesus efetuava seus milagres em harmonia com sua pregação, ilustrando a vinda do Reino de Deus.

IV. Critério de explicação necessária: essencial para justificar o fato perante situações próximas que o confirmem:

1. sem os milagres, não se poderiam explicar certos dados encontrados no Evangelho: o entusiasmo do povo por Jesus (cf. Mc 11,1-11), o reconhecimento de que Ele era “Profeta” (cf. Lc7,16), a fé dos Apóstolos na Messianidade de Jesus (cf. Mt 16,16), a decisão, dos fariseus, de eliminar Jesus porque os milagres do Mestre punham em xeque o prestígio dos fariseus (cf. Mc 3,6; Jo 11, 45-53); a pregação da Igreja antiga, que apelava para os milagres de Jesus, a fim de apresentá-lo como Messias e Filho de Deus (cf. At 2,22; 10,38), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 146).

V. Critério do estilo: Jesus tinha estilo próprio, era sóbrio, discreto e seus milagres eram simples e despojados de aparato, sendo assim Jesus efetuava um gesto simbólico para fazer o milagre e não fazia um circo para chamar a atenção: “[...] colocou os dedos nas orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua.”, (Mc 7,33).

4.2 Jesus Redentor

• Páscha staurósímon (Páscoa na Cruz em grego): a morte de Jesus Cristo é a manifestação do amor de Deus aos homens.

Cristo não ofereceu uma vítima irracional que simbolizasse o amor dos homens, ao contrário, Ele entregou a sua própria vida de livre e espontânea vontade como o novo Adão e Cabeça da humanidade, a sua morte não

foi um fato inevitável, ela tinha propósito que era “o reconhecimento do domínio de Deus e da sujeição do homem que o primeiro Adão recusou”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 150).

Ao morrer Cristo venceu o pecado, a morte e o diabo, os quais dominavam este mundo antes de sua vinda e quando veio lutou contra o pecado e o demônio através de seus exorcismos:

a tríplice vitória de Cristo sobre o pecado, a morte e o demônio trouxe ao mundo PAZ; cf. Rm 5,1. A mensagem de Cristo é essencialmente PAZ (SHALOM); cf. Ef 2,17; 6,15, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 151).

- Redenção: a redenção que Deus efetuou com Israel, não se limita apenas à sua libertação do cativeiro, mas também à restauração de Jerusalém.

Este conhecimento divino elementar também passou para o N. T., onde Jesus Redentor entrega sua vida em resgate a todos os homens:

alguns textos do Novo Testamento especificam o preço pago pelo resgate: é o sangue, a morte: “É pelo sangue dele que temos a redenção, a remissão dos pecados” (Ef 1,7; cf. Mc 10,45), mas nunca se diz a quem foi pago esse preço. A metáfora, portanto, fica incompleta, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 151).

- Libertação: no A. T. Israel é libertada da opressão egípcia, tendo então um sentido social e político. No N. T. libertação (eleuthérosis) perde o sentido político e volta-se para o sentido moral, pois se o pecado escraviza o homem é pela morte e Ressurreição de Jesus (Páscha anastásimon=Páscoa na ressurreição), que a libertação ao homem esta garantida.

4.3 Expição, Sacrifício, Propiciação, Mérito

- Expição: é o ato que estabelece novamente a comunhão entre Deus e o homem, a qual foi quebrada com a vontade do próprio homem transgredindo a vontade de Deus ao pecar e somente a expiação do seu pecado irá satisfazer a Justiça Divina, que restaurará o homem para que ele receba o Amor de Deus.

Percebe-se, portanto o fundamento da expiação está na Santidade de Deus e no pecado do homem, porque Deus além de Amore é Justiça e Santidade e o pecado é uma ofensa pessoal a Deus.

• **Sacrifício:** no A. T. o próprio Deus estipulava quais vítimas irracionais eram necessárias para o sacrifício da expiação e no N. T. estas vítimas prescritas por Deus foram substituídas pelo ato Redentor de Jesus Cristo, vítima racional que de livre vontade suportou dores atrozes e enfrentou a própria morte para reconciliar o homem com Deus: “Jesus assim substitui o Cordeiro pascal do Antigo Testamento, fazendo-se ‘nossa Páscoa’ (cf. 1 Cor 5,7). Ele também vem a ser o “Servo de Javé”, do qual fala Is (52,13-53,12)”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 154).

• **Propiciação:** Jesus é o “instrumento de propiciação” (Rm 3,25), cuja expressão retorna ao A. T., onde a Arca da Aliança era o propiciatório, o lugar do encontro de Deus com seu povo através de Moisés (Nm 7,89). Jesus Cristo é o Salvador que expia os pecados do homem atraindo sobre eles a Misericórdia Divina, pois é o intermediador entre Deus e o homem.

• **Mérito:** Jesus Cristo como Homem não apenas adquiriu a expiação da humanidade como também um mérito para Si, pois após sua ressurreição Ele está à direita do Pai como nosso intercessor, conforme sugere a Sagrada Escritura.

para nós Cristo mereceu a reconciliação com o Pai, o perdão, a graça, a glória celeste... É com razão que se diz que toda graça que recebemos, é graça crística, ou graça que passa por Cristo e seu sacrifício expiatório, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 157).

4.4 Glorificação

• **Morte:** com a morte de Jesus, sua alma “[...] anunciou redenção e vida nova aos justos que haviam morrido anteriormente.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 159), isto está insinuado em 1Pd (3,18-22), que revive Adão e os que esperavam a salvação através do Messias, e também a uma antiga tradição no Símbolo dos Apóstolos que reza que Ele foi morto e sepultado e desceu à mansão dos mortos.

• **Ressurreição:** A morte de Jesus Cristo tornou patente o que estava subentendido, pois não foi uma vida interrompida, antes, foi uma transformação para uma nova vida e segundo São Paulo os homens foram

co-ressuscitados em Cristo (Ef 2,4-6).

- **Ascensão:** Jesus aparecia e continuou dando instruções aos Apóstolos após ter ressuscitado e então Ele elevou-se aos céus. Salienta-se que Jesus Homem morto e crucificado experimenta sua glorificação, pois como Filho de Deus jamais a perdeu.

- **Pentecostes:** Jesus glorificado envia ao homem outro Consolador, o Paráclito, ou seja, o Espírito Santo:

[...] que reúne todos os fiéis no Corpo Místico de Cristo, fazendo-os viver da vida da Cabeça. Cristo assim se torna presente a nós de novo modo ou de modo sacramental; deixa de estar conosco lado a lado, para estar em nós. Assim têm início a Igreja e os sacramentos, que, mediante a ação do Espírito Santo, nos transmitem a vida de Cristo [...], (BETTENCOURT (s.a.), pg. 161)

- **Encontro:** Não somos salvos de maneira automática pela obra de Cristo, pois é o sacramento da Igreja que estabelece a comunicação entre Jesus Cristo e o homem.

De forma intelectualista encontramos Jesus através do estudo e do amor, e por via sacramental Jesus nos deixa não somente Sua Palavra, mas também Sua Presença.

4.5 Historicidades de Jesus Ressuscitado

- **Teorias Racionalistas:**

a) Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) alegou, assim como alegaram os judeus da época da morte de Cristo, que Seu corpo fora roubado pelos Apóstolos para proclamarem sua ressurreição, teoria simplória rejeitada.

b) Karl Friedrich Bahrdt (1741-1792) e Eberhardt Gottlob Paulus (1761-1851) expuseram a tese de que Jesus não morreu e foi sepultado vivo, pois o sedativo que tomou na cruz e os aromas que as mulheres deixaram no sepulcro para ungi-lo o teriam reanimado, teoria infundada rejeitada.

c) Holger Kersten, em tempos atuais não apenas confirmou esta hipótese acima citada, como também lhe acrescentou que Jesus foi para a Índia onde viveu até morrer, sem fundamento e autoridade.

• A Igreja Nascente: destemidamente os Apóstolos associam Jesus a Deus Pai no culto sagrado, devido sua grande e realidade divina. E isto apenas poderia ocorrer se eles tivessem visto Jesus Cristo ressuscitado, como foi o caso e também se Jesus não vivesse na Igreja Nascente devido ao Espírito santo anunciado aos Apóstolos.

a) Fator preponderante foi a conversão de São Paulo¹ que atesta Jesus ressuscitado, pois de perseguidor dos cristãos passa a ser o proclamador das Palavras de Jesus Cristo.

b) No conteúdo do que os Apóstolos pregavam temos São Pedro explicando o fenômeno das línguas, tonando claro de que forma e por qual o motivo um parálítico foi curado na porta do Templo, narrando diante do Sinédrio S. Pedro o ocorrido da última Páscoa e apresentando o Plano Divino de Deus com a obra salvífica de Jesus ao centurião romano Cornélio, o mesmo ocorre com São Paulo.

c) Os Profetas do A. T. que anunciavam, a figura histórica de Jesus de Nazaré, pois, este nasceu na casa de Davi, teve a pregação de São João Batista acompanhada do Seu ministério e o anúncio de Jesus ressuscitado, que é o ápice de toda pregação.

• **A Ideia do Messias:** a abstração de um Messias sem pompas e crucificado era um avergonha para os judeus, percebe-se então que os Apóstolos aceitaram esta ideia porque presenciaram Jesus ressuscitado:

[...] quem lê os Evangelhos, observa que as aparições de Jesus não se dão após uma expectativa ansiosa dos Apóstolos ou discípulos. Ao contrário, Jesus aparecia de maneira totalmente imprevisível, quando os discípulos menos o esperavam, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 167).

• Sepulcro Vazio: Encontrado pelas mulheres, testemunhas pouco fidedignas na época, destaca-se então que o vazio do sepulcro não foi inventado pela Igreja e os inimigos de Jesus não negaram o sepulcro vazio, mas tentaram explicar por outras vias.

É importante salientar que a que a mensagem da ressurreição de Jesus:

[...] incute que existe continuidade entre o Crucificado e o Ressuscitado; a vida terrestre de Jesus não foi uma fase ultrapassada da existência de Cristo,

mas continua presente no corpo do Senhor. O Cristo que ressuscitou, é o mesmo que morreu na cruz; possui o mesmo corpo, embora de maneira diversa, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 167).

Uma vez que ninguém presenciou a ressurreição de Jesus, alguns alegam que esta não foi um fato histórico.

É certo que ninguém viu Jesus ressuscitar e que os Apóstolos encontraram o sepulcro já vazio.

Afirma-se, no entanto, que Sua ressurreição teve lugar no tempo e no espaço, portanto, é um fato histórico.

Mesmo que não haja testemunhas de sua ocorrência imediata há varias testemunhas de sua ocorrência posterior, mesmo assim, é bom salientar que:

é verdade que a certeza moral - a certeza da historiografia - ainda não é a certeza da fé. A fé pertence a outro plano; tem a sua origem e a sua motivação decisiva na atração interior que Deus exerce sobre a pessoa que Ele chama à fé. Todavia a certeza moral fornece a justificativa à razão do homem, fazendo que a adesão à fé na ressurreição seja ato razoável, inteligente, digno, e não cego ou infantil, imaturo, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 169).

RESUMO MÓDULO IV - SOTERIOLOGIA

- A Soteriologia, ou o estudo da obra salvífica de Jesus Cristo designa-se na Sagrada Escritura como apolytrosis (redenção).
- A redenção cristã é uma oposição aos desejos de Deus, aconteceu no início da história e trouxe consequências para todo ser humano.
- Como o homem não tem capacidade de apagar a sua falta, ele precisa de um Redentor, que é Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado.
- Jesus Cristo tornou-se o mediador dos homens e Deus, através da Encarnação.
- A pregação de Jesus é a Vontade de Deus sendo transmitida aos homens.
- Os milagres de Jesus confirmavam suas palavras: “Se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos adeptos?”, (Mt 12,27).
- Jesus responde a São João Batista associando sua Pessoa com aquele que haveria de vir, através de sinais e milagres: “[...] os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados.[...]”, (Lc 7,18-23).
- É através de cinco critérios que os críticos confirmam se o segmento do Evangelho é autêntico ou não:
 - I. Critério de múltiplo testemunho: Jesus teve testemunha de várias fontes diferentes que dão o testemunho dos Seus milagres.
 - II. Critério da descontinuidade: Jesus fazia os milagres em seu nome enquanto que no A. T. os profetas o efetuavam em nome de Yahweh.
 - III. Critério de conformidade: Jesus efetuava seus milagres em harmonia com sua pregação, ilustrando a vinda do Reino de Deus.
 - IV. Critério de explicação necessária: essencial para justificar o fato perante situações próximas que o confirmem
 - V. Critério do estilo: Jesus tinha estilo próprio, era sóbrio, discreto e seus milagres eram simples e despojados de aparato, sendo assim Jesus efetuava um gesto simbólico para fazer o milagre e não fazia um circo para chamar a atenção: “[...] colocou os dedos na orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua.”, (Mc 7,33).

- Jesus Redentor

- A morte de Jesus Cristo é a manifestação do amor de Deus aos homens.

- Jesus Redentor entrega sua vida em resgate a todos os homens.

- No N. T. libertação (eleuthérosis) e volta-se para o sentido moral, pois se o pecado escraviza o homem é pela morte e Ressurreição de Jesus (Páscha anastásimon=Páscoa na ressurreição), que a libertação ao homem esta garantida.

- Expição: é o ato que estabelece novamente a comunhão entre Deus e o homem, a qual foi quebrada com a vontade do próprio homem transgredindo a vontade de Deus ao pecar e somente a expiação do seu pecado irá satisfazer a Justiça Divina, que restaurará o homem para que ele receba o Amor de Deus.

- Sacrifício: no N. T. as vítimas prescritas por Deus foram substituídas pelo ato Redentor de Jesus Cristo, vítima racional que de livre vontade suportou dores atrozes e enfrentou a própria morte para reconciliar o homem com Deus.

- Mérito: Jesus Cristo como Homem não apenas adquiriu a expiação da humanidade como também um mérito para Si, pois após sua ressurreição Ele está à direita do Pai como nosso intercessor, conforme sugere a Sagrada Escritura.

- Morte: com a morte de Jesus, sua alma “[...] anunciou redenção e vida nova aos justos que haviam morrido anteriormente.”

- Ressurreição: A morte de Jesus Cristo tornou patente o que estava subentendido, pois não foi uma vida interrompida, antes, foi uma transformação para uma nova vida e segundo São Paulo os homens foram coressuscitados em Cristo (Ef 2,4-6).

- Ascensão: Jesus aparecia e continuou dando instruções aos Apóstolos após ter ressuscitado e então Ele elevouse aos céus. Salienta-se que Jesus Homem morto e crucificado experimenta sua glorificação, pois como Filho de Deus jamais a perdeu.

- Pentecostes: Jesus glorificado envia ao homem outro Consolador, o

Paráclito, ou seja, o Espírito Santo.

- Não somos salvos de maneira automática pela obra de Cristo, pois é o sacramento da Igreja que estabelece a comunicação entre Jesus Cristo e o homem.

- De forma intelectualista encontramos Jesus através do estudo e do amor, e por via sacramental Jesus nos deixa não somente Sua Palavra, mas também Sua Presença.

- Teorias Racionalistas

- a) Hermann Samuel Reimarus (1694-1768) alegou, assim como alegaram os judeus da época da morte de Cristo, que Seu corpo fora roubado pelos Apóstolos para proclamarem sua ressurreição, teoria simplória rejeitada.

- b) Karl Friedrich Bahrdt (1741-1792) e Eberhardt Gottlob Paulus (1761-1851) expuseram a tese de que Jesus não morreu e foi sepultado vivo, pois o sedativo que tomou na cruz e os aromas que as mulheres deixaram no sepulcro para ungi-lo o teriam reanimado, teoria infundada rejeitada.

- c) Holger Kersten, em tempos atuais não apenas confirmou esta hipótese acima citada, como também lhe acrescentou que Jesus foi para a Índia onde viveu até morrer, sem fundamento e autoridade.

- A Igreja Nascente: destemidamente os Apóstolos associam Jesus a Deus Pai no culto sagrado, devido sua grande e realidade divina. E isto apenas poderia ocorrer se eles tivessem visto Jesus Cristo ressuscitado, como foi o caso e também se Jesus não vivesse na Igreja Nascente devido ao Espírito santo anunciado aos Apóstolos.

- a) Fator preponderante foi a conversão de São Paulo que atesta Jesus ressuscitado, pois de perseguidor dos cristãos passa a ser o proclamador das Palavras de Jesus Cristo.

- b) No conteúdo do que os Apóstolos pregavam temos São Pedro explicando o fenômeno das línguas, tonando claro de que forma e por qual o motivo um paralítico foi curado na porta do Templo, narrando diante do Sinédrio S. Pedro o ocorrido da última Páscoa e apresentando o Plano Divino de Deus com a obra salvífica de Jesus ao centurião romano Cornélio,

o mesmo ocorre com São Paulo.

c) Os Profetas do A. T. que anunciavam, a figura histórica de Jesus de Nazaré, pois, este nasceu na casa de Davi, teve a pregação de São João Batista acompanhada do Seu ministério e o anúncio de Jesus ressuscitado, que é o ápice de toda pregação.

- A Ideia do Messias: a abstração de um Messias sem pompas e crucificado era um avergonha para os judeus, percebe-se então que os Apóstolos aceitaram esta ideia porque presenciaram Jesus ressuscitado.

- Sepulcro Vazio: Encontrado pelas mulheres, testemunhas pouco fidedignas na época, destaca-se então que o vazio do sepulcro não foi inventado pela Igreja e os inimigos de Jesus não negaram o sepulcro vazio, mas tentaram explicar por outras vias.

- Uma vez que ninguém presenciou a ressurreição de Jesus, alguns alegam que esta não foi um fato histórico.

- É certo que ninguém viu Jesus ressuscitar e que os Apóstolos encontraram o sepulcro já vazio.

- Afirma-se, no entanto, que Sua ressurreição teve lugar no tempo e no espaço, portanto, é um fato histórico.

- Mesmo que não haja testemunhas de sua ocorrência imediata há varias testemunhas de sua ocorrência posterior.

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

1. O que é Soteriologia?
2. Por que o Batismo de Jesus foi um ato de obediência a Deus?
3. Com o que é comparada a eficácia da Palavra de Cristo?
4. Por que Jesus é bem mais do que um Profeta?
5. Por que o milagre não deixa de ser uma Palavra de Deus?
6. Como Jesus responde a São João Batista associando sua Pessoa com aquele que haveria de vir?
7. Através de quantos critérios os críticos confirmam se o segmento do Evangelho é autêntico ou não?

8. Quem Cristo venceu ao morrer?
9. A quem Jesus Redentor entrega sua vida?
10. O que é expiação?
11. O que foi a morte de Jesus?
12. Qual Consolador Jesus envia ao homem?
13. A quem e onde os Apóstolos destemidamente associam Jesus?
14. Por que se afirma que a ressurreição de Jesus é um fato histórico?

MÓDULO V - DISSENÇÃO CRISTOLÓGICA

Por dissensão entendemos o ato de alguém se separar da maioria por discordar de suas opiniões.

Assim era Rudolf Bultmann, exegeta alemão, o qual:

adotou o pensamento existencialista de Martin Heidegger, e conservou o conceito luterano de fé fiducial ou fé-confiança, fé que renuncia a procurar motivos razoáveis para crer [...], (BETTENCOURT (s.a.), pg. 172).

• Para **Bultmann** é mito uma concepção que tenta apresentar o divino como humano, o transcendente como imanente, ou seja, qualquer relacionamento entre os acontecimentos deste mundo com anjos ou demônios e qualquer concepção que admita que Deus tenha poder de intervir no mundo, pois tais concepções vão contra o pensamento científico, o qual determina a natureza por leis e por causas e efeitos.

Segundo o exegeta alemão o N. T. transfere uma figura de um mundo mítico dividido entre céu, terra e subterrâneo, com milagres acontecendo na terra, a salvação se realizando na plenitude dos tempos, o Filho de Deus um ser divino e preexistente manifestando-se na terra como um homem, sua morte na cruz expiando os pecados da humanidade e:

sua ressurreição é o começo de uma mudança cósmica que anula a morte, introduzida no mundo por Adão. O ressuscitado foi elevado ao céu, à

direita de Deus. Voltará sobre as nuvens dos céus para concluir a obra da salvação, havendo então a ressurreição dos mortos. O crente que está unido a Jesus pelo Batismo e a Ceia, está associado à ressurreição de Cristo; Este lhe confere o penhor do Espírito Santo e a filiação divina, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 172).

No seu pensamento tudo isto é inaceitável para o homem atual, cujo qual está impregnado de cientificismo.

Portanto, as representações míticas do Evangelho tem a função de transmitir apenas a mensagem existencial dos Evangelhos, por isto é necessário “de-mitizar” estas representações.

Pois a mensagem existencial é passar de uma vida de pecado para uma vida de fé.

E tal existência é possível através de Cristo, que é a ação de Deus revelando ao homem seu amor, porém Deus não é um objetivo e somente pode ser reconhecido pela fé que se choca com a ciência.

O que se torna um absurdo, pois somente:

podemos falar com Deus a partir do nosso relacionamento com Ele, especialmente na oração e nas assembleias de culto; mas é necessário que possamos abstrair dessa relação subjetiva e particular; se assim fosse, os não crentes não poderiam chega a conhecer Deus. A razão objetiva é o meio de comunicação entre crentes e não crentes, e não tanto a experiência subjetiva. As provas da existência de Deus são argumentos racionais, e não experiências subjetivas, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 174).

• **Cristologia na Teologia da Libertação:** na visão de Hilgert a Teologia da Libertação, corrente teológica cujo nascimento ocorreu após o Concílio do Vaticano II e da Conferência de Medellín (Colômbia, 1968) prega que o Evangelho tem opção preferencial pelos pobres e que para que esta opção se torne concreta é necessário recorrer às ciências humanas e sociais e para isto: foi feita a releitura da Palavra de Deus, releitura na ótica do pobre e do oprimido; tal releitura levou a conceber Jesus Cristo, a Igreja e os sacramentos de novo modo ou em chave política, apta a incentivar a transformação da sociedade, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 177).

Essa teologia em conformidade com sua interpretação tem seu como

escopo a figura de Jesus Cristo histórico, aquele que antes de morrer na Cruz defendeu e lutou em favor dos pobres contra a opressão social.

Existem diversos autores, como Hilgert, Jon Sobrino e Albert Nolan, abordaremos brevemente o pensamento de cada um, pois, por si, um reflete o pensamento de todos.

Nolan volta à escola racionalista do século passado e explica que a multiplicação de pães feita por Jesus, consistia em partilhar a própria comida uns com outros, pois assim seria multiplicada e satisfariam a todos.

Observa-se então que: “Somente o preconceito (a aversão ao milagre e o desejo de interpretar o texto em chave socioeconômica) explica tal procedimento exegético.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 190).

Sobrino é secularista, para ele Jesus era um grande filantropo, benevolente, o qual não perdoou os pecados como uma reconciliação entre Deus e o homem e Sobrino ainda reduz o Divino ao humano, com insinuações de uma sociedade de cunho socialista-marxista.

“[...] quando o Evangelho atribui a Jesus a função de perdoar pecados, Sobrino a tem como não histórica, mas como artifício devido aos redatores do Evangelho!”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 200).

Já para Hilgert o Jesus histórico anunciou a Boa-Nova pela Palestina, em todos os lugares anunciava que o Reino de Deus era feito de justiça e exaltação para os pobres enquanto os ricos seriam condenados, os que não tinham uma vida perfeita deveriam ser encaminhados para obter à obtenção de sua posse e esse Jesus humano que traz o anúncio do A. T. foi esquecido pelos primeiros cristãos, que se deslumbraram com sua ressurreição e passaram a vê-lo como Senhor da glória, além das condições de classes sociais em luta:

Hilgert, seguindo um procedimento exegético moderno, distingue entre “o Jesus da história” e “o Jesus da fé”. [...] com outras palavras: o contato com os filósofos helenistas levou os apologetas cristãos a esquecer a sabedoria da Cruz e a figura do Jesus histórico, em favor das concepções como “santa doutrina” (2Tm 4,3)¹, transmissão da doutrina (At 11,26), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 177).

Ora, o Jesus da fé após a Páscoa é o mesmo Jesus histórico, uma vez

que a fé é a essência na imagem de Jesus mortal, o qual venceu a morte, foi ressuscitado de forma gloriosa e quem professa tampar a Verdade estará dando origem a um outro tipo de Cristianismo e de outra fé, pois:

para que se formule uma séria Moral social em nome do Evangelho, não é necessário pôr de lado o Jesus glorioso, pois este é o mais forte propulsor a uma vida generosa em favor dos irmãos; basta ler a propósito os dizeres de São Paulo em 1 Cor 9,19-27 e, de modo geral, o seu epistolário, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 182).

A noção Teológica apresentada por Hilgert não encontra respaldo assim como a Teologia em si, mas de um sistema político-social com história teológica, onde a fé é subordinada aos fins políticos:

Hilgert julga que a verdade - e também a verdade teológica - só pode ser apreendida através da análise (marxista) da sociedade; esta seria o grande referencial para se elaborar Teologia ou Cristologia... Não haveria uma teologia em si mesma, independente de preocupações sóciopolíticas, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 181).

• **Jesus, Judeu e Marginal:** existem alguns autores cristãos que tiram o devido valor dos critérios da fé para analisar Jesus unicamente através dos escritos. John Meier.

Na obra Meier diferencia o Jesus real e o Jesus da história, alegando que o real seria o que viveu na Palestina da nossa era, algo inquestionável devido aos documentos (Evangelhos), que teriam sido acrescentados de concepções da Igreja primitiva para abordar Jesus com Seu merecido aparato.

Devido a isto o autor diz que existe apenas o Jesus histórico, aquele “Jesus construído pela fé dos antigos cristãos na base da imagem do Jesus que lhes foi apregoada.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 204).

E para confirmar que Jesus dos Evangelhos era como era e não devido à imagem dos cristãos primitivos ele estabelece alguns critérios:

• **Crítérios primários:**

1. Critério do constrangimento ou da contradição: referente aos atos ou dizeres de Jesus que possam ter constrangido a Igreja Antiga, os primeiros cristãos eliminaram tudo que pudesse rebaixar Jesus: Ele é chamado de “louco” pelos seus familiares (Mc 3,21), o seu brado na

cruz (Sl 22,1), entre outros.

2. Critério da descontinuidade: também conhecido como critério da originalidade confirma que os atos e palavras de Jesus eram autênticos e não poderiam ser originados do pensamento judeu de sua época ou mesmo da Igreja primitiva, por exemplo, a nova justiça recomendada que ultrapassaria a dos judeus, uma imitação do Pai Celeste (Mt 5,17-48).
3. Critério da múltipla confirmação: são autênticos os atos e palavras de Jesus citado em mais de uma fonte independente, Suas curas, o mandamento do amor, etc...:

assim Jesus proclamou o “reino de Deus ou dos céus” conforme Marcos, Mateus, Lucas, João e Paulo. Esta mesma expressão é encontrada em diversos gêneros literários (parábolas, bem-aventuranças, preces, narrativas de milagres...). Além disto, regis tram-se como elementos amplamente documentados, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 203).

4. Critério da coerência: as palavras e atos de Jesus dentro dos dados estabelecidos tem probabilidade histórica: seus debates com os fariseus, o anúncio do Reino dos céus, etc.
5. Critério da rejeição e da execução: a violência sofrida por Jesus tanto pelos judeus quanto pelos romanos, Ele foi crucificado como “rei dos judeus”, pois perturbava os “superiores”, portanto são históricos seus dizeres que tenham causado mal-estar ou repreensão às autoridades.

• **Critérios Secundários:**

1. Critério dos traços de aramaico: se na versão grega há traços de sintaxe, ritmo e vocabulário aramaico, portanto tais dizeres são autênticos.

John Meier julga que este critério só pode ser válido se for corroborado por outros critérios, já que cristãos de língua aramaica podem ter forjado sentenças que eles atribuíram a Jesus, quando não eram senão a expressão do pensamento das comunidades nascentes, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 204).

2. O critério da ambientação: podem ser autênticas as palavras de Jesus referentes a costumes concretos: “[...] procedimentos judiciais,

práticas comerciais e agrícolas ou condições sociais e políticas da Palestina do século I” (p. 182).”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 204).

3. O critério da vivacidade da narração: nos Evangelhos:

a vivacidade e as minúcias concretas - especialmente quando essas minúcias não são relevantes para o ponto principal da história - por vezes são formadas como indicadores de um relato feito por testemunha ocular (pp. 182s), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 204).

4. O critério das tendências do desenvolvimento da Tradição Sinótica:

Alguns críticos sugerem que a mensagem dos Evangelhos Sinóticos tenha sido feitas em primeiro lugar por S. Marcos, onde S. Mateus a desenvolveu com nomes próprios e S. Lucas com a Tradição.

5. O critério da suposição histórica: Cabe aos que negam os relatos do Evangelho provar inexistência de veracidade de uma maneira geral ou parcial

6. O princípio da “razão suficiente”: “John Meier cita ainda outro critério que ele mesmo não valoriza. É proposto por estudiosos católicos como René Laourelle e Lambiasi: é o critério da explicação necessária”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 204).

Ao admitir a grandeza de Jesus e o que os Evangelhos narram em tudo que há de belo e impressionante em Jesus não pode ser descartado, pois assim a figura de Jesus torna-se pobre, o que não explicaria a grandeza de sua obra através dos séculos.

• **Exame Crítico da Obra de John Meier:** os critérios determinados por Meier são aceitos também por outros católicos e atribuem a veracidade dos Evangelhos e a forma como se complementam, examinando os dizeres e os fatos feitos por Jesus para discernir o que possa ter sido realidade do que possa ter sido concebido pelos cristãos primitivos, assim sendo, a conclusão da obra de John Meier seria:

os evangelhos não são lendas, mas grande parte do que eles referem não pode ser nem comprovado como verdadeiro nem refutado como falso. Meier cita grande número de autores que desenvolveram (como ele) a crítica dos Evangelhos; ora num terreno tão complexo e, ao mesmo tempo, tão desprovido de documentação, compreende-se que haja “tantas sentenças

quantas cabeças” (quot capita, tot sensus) [...], (BETTENCOURT (s.a.), pg. 205).

Algumas proposições de John Meier:

a) Quanto ao Nascimento de Jesus - “Um judeu chamado Yeshua (= Jesus) nasceu, talvez em Belém da Judéia, porém mais provavelmente em Nazaré da Galiléia - de qualquer forma numa pequena cidade em algum ponto dentro dos limites do reino de Herodes” (MEIER 1992, pg. 229).

b) O Nascimento Virginal: o nascimento de Jesus é professado como virginal, porém carece de provas no plano fisiológico:

o resultado final dessa investigação deve continuar pobre e decepcionante, tanto para os defensores como para os adversários da doutrina da concepção virginal. Considerada isolada mente, a pesquisa histórico-crítica simplesmente não tem acesso às fontes e aos instrumentos que levem a uma decisão final sobre a historicidade da concepção virginal, conforme narrada por Mateus e Lucas. A aceitação ou rejeição da doutrina será grandemente influenciada pelos pres supostos filosóficos e teológicos de cada um, assim como pelo valor que se dá aos ensinamentos da Igreja. Ainda uma vez, devemos nos lembrar das limitações inerentes à crítica histórica: trata-se de um instrumento útil, contanto que não esperemos demais dela, (MEIER 1992, pg. 222).

c) Os “irmãos” de Jesus: revisando os textos do N. T. que relatam “os irmãos” de Jesus, Meier não leva em consideração que:

- no momento de sua morte Jesus entrega sua Mãe a João e não a um suposto irmão mais velho;
- aos doze anos Jesus é o único filho da família, pois V. Maria não poderia deixar filhos pequenos em casa, conforme já visto no tópico 1.11;
- se Jesus fosse o irmão mais velho ele seria totalmente respeitado, conforme reza tradição judaica, entre outros, e conclui: “É evidente que todos esses argumentos, mesmo quando considerados juntos, não garantem certeza absoluta numa questão onde as provas são tão escassas”, (MEIER 1992, pg. 327).

d) A Infância de Jesus: Meier encontra divergências entre MT(1-2) e Lc (1-2) devido a distinções linguísticas e rebuscadas:

é bem verdade que alguns dos atritos entre Mt 1-2 e Lc 1-2 poderiam ser

harmonizados com um pouco de habilidade: em Mateus apenas José recebe do anjo o anúncio da concepção virginal de Jesus; em Lucas, naturalmente, é Maria que ouve a revelação. No fundo, nenhum dos relatos contradiz o outro, e os dois poderiam ser combinados - como de fato foram em descrições cristãs posteriores, (MEIER 1992, pg. 211).

e) Jesus Homem Casado: Meier escreve quatorze páginas sobre o assunto como se houvesse farta documentação a este respeito e conclui:

[...] não podemos ter certeza absoluta se Jesus foi casado ou não. Mas os vários contextos, próximos e remotos, tanto no Novo Testamento como no judaísmo, nos levam à posição de que ele se manteve celibatário, em termos religiosos, como a hipótese mais provável. O total silêncio sobre esposa e filhos em contextos onde figuram seus vários parentes, pode muito bem indicar que ele nunca se casou (MEIER 1992, pg. 341).

f) Jesus dos doze aos trinta: Meier acredita que Jesus se exprimia em grego para se comunicar com os gentios e isto explica o diálogo com Pôncio Pilatos no julgamento de Jesus, uma vez que Pilatos não falava aramaico:

é provável que ele usasse um pouco de grego para fins profissionais ou para se comunicar com os gentios, incluindo-se neste caso o diálogo com Pilatos durante o seu julgamento. No entanto, nem sua ocupação como carpinteiro em Nazaré, nem sua jornada pela Galileia, restrita a cidades e aldeias profundamente judaicas, exigiriam fluência e uso regular do grego, (MEIER 1992, pg. 265).

O pensamento de Meier é de filosofia existencialista assim como é o Martin Heidegger e o de Rudolf Bultmann.

Para Bultmann, conforme já abordado no início do Módulo V, a Boa-Nova de Jesus foi adaptada aos interesses subjetivos dos seus ouvintes passando por alterações, a ponto de hoje nós conhecermos apenas o Jesus imaginado pelos cristãos primitivos e não o Jesus real, tal como Ele era.

Este tipo de pensamento já era imaginado desde o início do Cristianismo, tanto que São Paulo adverte:

se alguém - ainda que nós mesmos ou um anjo do céu - vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema! Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora: se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema!, (Gl 1,8-9).

Portanto, fica-se ciente de que: “O que não corresponde à história, foi

pela Igreja relegado para a literatura apócrifa, da qual há muitos ‘Evangelhos e Epístolas’”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 209).

Obviamente as palavras de Jesus se desabrocharam, porém, sob a vigilância dos Apóstolos e do Divino Espírito Santo.

Pelas epístolas do N. T. percebe-se o esmero com que os Apóstolos e os mestres antigos tinham em não permitir que o docetismo, o pré-gnosticismo e o dualismo impregnasse a doutrina cristã.

Assim sendo, a pregação dos Apóstolos deve ser entendida à luz da Tradição oral que passou para a escrita no decorrer dos séculos e em consequência da evolução dos tempos.

É importante salientar que existem inúmeros feitos e palavras genuínos de Jesus, os quais não constam no Evangelho, porém foram avisados pelo mesmo de suas existências, portanto, é imprescindível que a Palavra oral seja eternamente agregada ao Evangelho, para que o teólogo estudioso possa dar maior atenção à forma como os cristãos primitivos entendiam os Evangelhos.

“Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam”, (Jo 21,24).

Sem a palavra oral a Bíblia é um texto morto, pois recai em tremendo erro quem tenta separá-la do testemunho escrito de quem vivenciou Jesus vivo, morto e ressuscitado, ascendido e aparecido.

• **Jesus no Judaísmo:** James H. Charlesworth professor do Princeton Theological Seminary, assim como John Meier, ao escrever o livro sobre Jesus abstrai-se da fé com o único intuito de explorar a pessoa de Jesus Cristo no plano humano, ou seja, o Jesus “real”.

Charlesworth (1992) em si, não causa abalo na imagem de Jesus Cristo concebida pela fé, a que é fruto de sérios estudos e pesquisas.

Seu livro é voltado para alguém que já tem noções em estudos bíblicos e cristológicos.

Ambas os autores, Charlesworth (1992) e Meier (1992) escreveram suas obras sobre o Jesus “real”, extraíndo materiais da literatura liberal e da

arqueologia, os seus livros são o que:

[...] os críticos liberais citam como se fossem revolucionários ou aptos a desfazer a clássica imagem de Jesus; na verdade, trata-se de coleções de sentenças hipotéticas, que em parte destroem umas as outras, tentando fugir do Jesus do Cristianismo. Como se verá, o livro de James H. Charlesworth (como o de John P. Meier) é interessante pela documentação que cita, mas pouco diz de novo que exija a aceitação de um pesquisador sincero, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 211).

Prescindindo das proposições da fé, o autor nos transmite a seguinte figura de Jesus:

Jesus existiu; sabemos mais sobre ele do que a respeito de qualquer outro judeu palestino antes de 70 E.C. Ele era uma pessoa real, que viveu na Palestina, crescido na Galileia. Os seguintes aspectos de sua vida são relativamente fidedignos: ele manteve algum relacionamento com João Batista (que certamente o batizou), começou seu ministério público em Cafarnaum, chamou homens e mulheres que o seguissem (inclusive um grupo especial de doze), praticou curas (provavelmente também exorcismos), era um pregador itinerante que proclamou a proximidade (e mesmo, por momentos, a presença) do Reino de Deus, ensinou que Deus devia ser concebido como um pai amoroso (Abba) pode ter tido alguma autocompreensão messiânica, provavelmente de alguma forma se tinha na conta de filho Deus, possivelmente enfrentou sem medo a premonição de que seria assassinado (talvez apedrejado), mas, não obstante, depois de um período desconhecido de pregação pública na Galileia, foi para o Sul, para Jerusalém, onde com ousadia e êxito demonstrou seu desprezo pela corrupção no Templo durante uma confrontação pública com a casta sacerdotal, sofreu por causa da traição de Judas e da negação de Pedro, e terminou morrendo ignominiosamente numa cruz, do lado de fora da muralha ocidental de Jerusalém, na primavera de 30 E. C., (CHARLESWORTH 1992, pg. 182)

• **A Autenticidade das Palavras de Jesus:** Publicada nos Estados Unidos a obra “The Five Gospels. The Search for the Authentic Words of Jesus”, devida a Roberto W. Funk, Roy W. Hoover e The Jesus Seminar concluiu que apenas 18% dos mais de mil e quinhentos dizeres de Jesus são críveis de fé, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 217),

a) Jesus Seminar: os estudiosos compararam frase por frase de Jesus fazendo paralelo dos textos bíblicos e extra-bíblicos. Os resultados foram elegíveis por votação feita após o estudo de cada sentença do Evangelho e

concluiu-se então que nos Evangelhos Sinóticos existem:

1) autênticas sentenças proferidas por Jesus (assinaladas com a cor vermelha); 2) sentenças que provavelmente se aproximam do que Jesus disse (cor lilás); 3) sentenças que Jesus não proferiu, mas cujo conteúdo está próximo do pensamento de Jesus (cor cinzenta); 4) sentenças que, de modo nenhum, provêm de Jesus, mas de uma tradição posterior a Jesus ou diferente do que Jesus ensinou (preto), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 217).

É interessante observar que nas conclusões, as palavras dos pontos típicos da doutrina de Jesus, as quais são ensinadas pela Igreja Católica seriam todas de tradição tardia, portanto:

- os textos onde Jesus promete a Pedro as chaves do reino dos Céus e sua missão de “ligar” ou “desligar” estas chaves na terra, está na cor preta.

- as palavras da Eucaristia, onde Jesus torna seu corpo em pão e seu sangue em vinho, são pretas no texto de S. Mateus e S. Lucas, porém cinza no texto de S. Marcos.

- as palavras sobre o poder de perdoar que Jesus transmite aos Apóstolos estão na cor preta.

- o poder que Jesus outorga ao paralítico está na cor preta, porém observa-se que a frase que “Deus deu tal poder aos homens”, foi rejeitada por não estar em uso no protestantismo.

- as palavras sobre a proibição ao divórcio estão na cor cinza e não teriam sido ditas pelo próprio Jesus.

- as palavras de Jesus sobre sua autoridade sobre o céu e sobre a terra a qual lhe foi entregue pelo Pai onde ele ensina os Apóstolos a batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e a observar tudo o que Ele ordenou estão em preto, pois julgaram que Jesus não tinha a intenção de que sua missão alcançasse o mundo.

- as palavras de Jesus de que faria dos Apóstolos pescadores de homens estão em preto.

Apenas a título de curiosidade os autores são protestantes, relativizam o valor da Igreja e negam que Jesus tenha dito algo que:

implique a fundação da Igreja-instituição. Tal é a razão também por que

os membros do Jesus Seminar rejeitam a autenticidade de Mt 16,17-19; os preconceitos filosófico-religiosos estão muito presentes em tal trabalho, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 218).

• as palavras de Jesus chamando os homens ao arrependimento também não conta por que este tipo de exortação é característica de João Batista e atribuído a Jesus, pois os autores:

[...] julgam que à imagem real de Jesus foi sobreposta a de uma figura mítica e celeste, figura esta que o Apóstolo Paulo tomou das religiões helenistas de mistérios. É impressionante o tom dogmático ou definitório utilizado pelos scholars do Seminar, na base de preconceitos ou de concepções formadas de antemão; em virtude do racionalismo negam que Jesus tenha dito tal ou tal sentença, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 218).

Percebe-se que os resultados adquiridos pela votação dos membros do Jesus Seminar são pobres a ponto de não poderem reconstituir a figura de Jesus histórico, pois são racionalistas e:

diante destes resultados da pesquisa, pode-se, de imediato, ponderar o seguinte: a dependência dos Evangelhos em relação à cultura pagã helenista já foi tese de certa autoridade entre os críticos. Atualmente, porém, está de certo modo superada, tendo-se em vista especialmente os manuscritos judaicos de Qumran e, mais, os estudos da escola de críticos (protestantes) suecos, que enfatizam as raízes hebraicas do Evangelho e mostram a continuidade entre o Jesus histórico e o Jesus documentado pelos Evangelhos, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 218).

b) O hebraico-aramaico dos Evangelhos: deve-se procurar entender o Cristianismo a partir da tradição judaica, porque o Cristianismo nasceu do judaísmo, muito mais do que do helenismo:

os judeus eram muito ciosos de transmitir as palavras recebidas dos mais velhos; remontavam, de geração em geração, até a revelação feita por Javé a Moisés no monte Sinai, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 218).

c) Do Evangelho grego para o aramaico: no intuito de comprovar o patrimônio judaico e a continuidade entre judaísmo e Cristianismo o Prof. Gianfranco Ravasi, eminente biblista italiano efetuou a tradução dos Evangelhos (em grego) para o aramaico e concluiu que foi:

[...] possível captar no aramaico os jogos fonéticos subjacentes, com os quais se favorecia a lembrança e se comprovava a fidelidade da

transmissão dos conteúdos. A poesia e a prosa literária hebraica, de fato, estão ligadas à sonoridade, isto é, ao amálgama harmônico dos sons dos vocábulos..., aos matizes das tonalidades, que se manifestam, sobretudo na recitação oral (citado por V. Messori, *Padeceu sob Pôncio Pilatos?* p. 295), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 221).

G. Theissen acrescenta que há palavras duras no Evangelho que foram inspiradas diante de um radicalismo total em relação ao comportamento dos Apóstolos:

[...] assim, por exemplo, os dizeres de Lc 14,26: “Se alguém não aborrecer seu pai, sua mãe, sua esposa e seus filhos..., não poderá ser meu discípulo”. Pergunta Theissen: pode-se dizer que tais palavras são oriundas da mente das primeiras gerações cristãs? São elas condizentes com as tendências humanas mais ‘razoáveis’? Não devem ter tido origem na pregação mesma do Mestre? Quem as terá concebido e sustentado durante decênios sem que viessem dos lábios do próprio Jesus?, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 221).

Percebe-se, portanto, que esta conclusão é contrária à do Jesus Seminar que fazem das primeiras comunidades cristãs uma reprodução repleta de fantasiosas palavras atribuída a Jesus.

Os próprios monges de Qumran faziam referências aos Patriarcas e a Moisés que fazem eco:

[...]. ao mesmo conceito encontrado nos apócrifos (livro etíope de Henoque e livro dos Jubileus). Donde se vê mais uma vez que é precipitada e contestável a sentença dos peritos do Jesus Seminar, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 221).

E como conclusão Gerhardson cita que a raiz hebraica da árvore cristã oferece uma robusta “garantia de qualidade e fidelidade histórica nas palavras de Jesus e nas lembranças sobre Jesus” (ib. p. 297), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 221).

d) Os Manuscritos de Qumran: O Pe. Jean Carmignac estudou com afincos os manuscritos de Qumran e iniciou pelo Evangelho de S. Marcos para observar que som teria quando traduzido para o hebraico de Qumran:

decidi começar pelo Evangelho de Marcos e, para meu uso pessoal, quis ver que som teria quando traduzido para o hebraico de Qumran... Eu imaginava que tal tradução seria difícil e complexa, em virtude das

consideráveis diferenças entre o pensamento semítico e o grego. Ao invés disso, surpreendido, logo descobri que a tradução se revelava extremamente fácil. Depois de um só dia de trabalho - era abril de 1963 - eu estava convencido de que o texto de Marcos não podia ter sido redigido em grego: na realidade, devia ser a tradução literal de um original hebraico. As grandes dificuldades que eu estava prevendo, já tinham sido resolvidas pelo tradutor original, que transpusera -palavra por palavra - o texto, conservando até a ordem dos termos requerida pela sintaxe hebraica... Quanto mais avançava no trabalho, tanto mais-primeiro em Marcos, depois em Mateus - eu descobria que o corpo visível era helenístico, mas que a alma invisível era semítica, sem nenhuma margem de dúvida“, (ib. p. 304), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 222).

A opinião de Carmignac aceita por alguns estudiosos sobre o fato de que o texto original dos Evangelhos foi escrito em hebraico e não em grego tem pela frente sérias dificuldades por que:

obrigaria a admitir a redação dos Evangelhos ou, ao menos, dos sinóticos antes do ano de 70 (quando Jerusalém foi destruída e os romanos expulsaram os judeus de sua terra). Todavia pode-se dizer, com certeza, que o texto grego dos Evangelhos supõe a pregação oral aramaica dos Apóstolos, fazendo ressoar aos nossos ouvidos o linguajar semita (revestido de grego) dos primeiros pregadores, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 222).

O que torna impressionante é que mesmo buscando fontes nos estilos helenísticos e pagãos: “a exegese contemporânea (mesmo não católica) se volta para as fontes semitas do Evangelho, mostrando a continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento.”, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 222).

RESUMO MÓDULO V - DISSENSÃO CRISTOLÓGICA

- Por dissensão entendemos o ato de alguém se separar da maioria por discordar de suas opiniões.

- Assim era Rudolf Bultmann, exegeta alemão, o qual adotou o pensamento existencialista de Martin Heidegger, e conservou o conceito luterano de fé fiducial ou fé-confiança, fé que renuncia a procurar motivos razoáveis para crer.

- Para Bultmann é mito uma concepção que tenta apresentar o divino como humano, o transcendente como imanente, ou seja, qualquer relacionamento entre os acontecimentos deste mundo com anjos ou demônios e qualquer concepção que admita que Deus tenha poder de intervir no mundo, pois tais concepções vão contra o pensamento científico, o qual determina a natureza por leis e por causas e efeitos.

- No seu pensamento tudo isto é inaceitável para o homem atual, cujo qual está impregnado de cientificismo.

- Cristologia na Teologia da Libertação

Na visão de Hilgert a Teologia da Libertação, corrente teológica cujo nascimento ocorreu após o Concílio do Vaticano II e da Conferência de Medellín (Colômbia, 1968) prega que o Evangelho tem opção preferencial pelos pobres e que para que esta opção se torne concreta é necessário recorrer às ciências humanas e sociais.

- Nolan volta à escola racionalista do século passado e explica que a multiplicação dos pães feita por Jesus, consistia em partilhar a própria comida uns com outros, pois assim seria multiplicada e satisfaria a todos.

Observa-se então que: “Somente o preconceito (a aversão ao milagre e o desejo de interpretar o texto em chave socioeconômica) explica tal procedimento exegético.

- Sobrino é secularista, para ele Jesus era um grande filantropo, benevolente, o qual não perdoou os pecados como uma reconciliação entre Deus e o homem e Sobrino ainda reduz o Divino ao humano, com insinuações de uma

sociedade de cunho socialista-marxista.

Quando o Evangelho atribui a Jesus a função de perdoar pecados, Sobrino a tem como não histórica, mas como artifício devido aos redatores do Evangelho!

- Para Hilgert o Jesus histórico anunciou a Boa-Nova pela Palestina, em todos os lugares anunciava que o Reino de Deus era feito de justiça e exaltação para os pobres enquanto os ricos seriam condenados.

- Os que não tinham uma vida perfeita deveriam ser encaminhados para obter a obtenção de sua posse e esse Jesus humano que traz o anúncio do A. T. foi esquecido pelos primeiros cristãos, que se deslumbraram com sua ressurreição e passaram a vê-lo como Senhor da glória, além das condições de classes sociais em luta.

- Ora, o Jesus da fé após a Páscoa é o mesmo Jesus histórico, uma vez que a fé é a essência na imagem de Jesus mortal, o qual venceu a morte, foi ressuscitado de forma gloriosa e quem professa tampar a Verdade estará dando origem a um outro tipo de Cristianismo e de outra fé.

- Jesus, Judeu e Marginal:

Na obra Meier diferencia o Jesus real e o Jesus da história, alegando que o real seria o que viveu na Palestina da nossa era, algo inquestionável devido aos documentos (Evangelhos), que teriam sido acrescentados de concepções da Igreja primitiva para abordar Jesus com Seu merecido aparato.

- Devido a isto o autor diz que existe apenas o Jesus histórico, aquele “Jesus construído pela fé dos antigos cristãos na base da imagem do Jesus que lhes foi apregoada.

- A conclusão da obra de John Meier seria:

os evangelhos não são lendas, mas grande parte do que eles referem não pode ser nem comprovado como verdadeiro nem refutado como falso. Meier cita grande número de autores que desenvolveram (como ele) a crítica dos Evangelhos; ora num terreno tão complexo e, ao mesmo tempo, tão desprovido de documentação, compreende-se que haja “tantas sentenças quantas cabeças” (quot capita, tot sensus).

- O pensamento de Meier é de filosofia existencialista assim como é o Martin Heidegger e o de Rudolf Bultmann.

- Este tipo de pensamento já era imaginado desde o início do Cristianismo, tanto que São Paulo adverte:

se alguém - ainda que nós mesmos ou um anjo do céu - vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátemal Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora: se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátemal.

- É importante salientar que existem inúmeros feitos e palavras genuínos de Jesus, os quais não constam no Evangelho, porém foram avisados pelo mesmo de suas existências, portanto, é imprescindível que a Palavra oral seja eternamente agregada ao Evangelho, para que o teólogo estudioso possa dar maior atenção à forma como os cristãos primitivos entendiam os Evangelhos.

- “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam”, (Jo 21,24).

- Sem a palavra oral a Bíblia é um texto morto, pois recai em tremendo erro quem tenta separá-la do testemunho escrito de quem vivenciou Jesus vivo, morto e ressuscitado, ascendido e aparecido.

- Jesus no Judaísmo:

James H. Charlesworth professor do Princeton Theological Seminary, assim como John Meier, ao escrever o livro sobre Jesus abstrai-se da fé com o único intuito de explorar a pessoa de Jesus Cristo no plano humano, ou seja, o Jesus “real”.

Charlesworth em si, não causa abalo na imagem de Jesus Cristo concebida pela fé, a que é fruto de sérios estudos e pesquisas.

- A Autenticidade das Palavras de Jesus:

Publicada nos Estados Unidos a obra “The Five Gospels. The Search for the Authentic Words of Jesus”, devida a Roberto W. Funk, Roy W. Hoover e The Jesus Seminar concluiu que apenas 18% dos mais de mil e quinhentos dizeres de Jesus são críveis de fé.

Jesus Seminar: os estudiosos compararam frase por frase de Jesus fazendo paralelo dos textos bíblicos e extrabíblicos. Os resultados foram elegíveis por votação feita após o estudo de cada sentença do Evangelho.

- Apenas a título de curiosidade os autores são protestantes, relativizam o valor da Igreja e negam que Jesus tenha dito algo que implique a fundação da Igreja-instituição. Tal é a razão também por que os membros do Jesus Seminar rejeitam a autenticidade de Mt 16,17-19; os preconceitos filosófico-religiosos estão muito presentes em tal trabalho.

- É interessante observar que nas conclusões, as palavras dos pontos típicos da doutrina de Jesus, as quais são ensinadas pela Igreja Católica seriam todas de tradição tardia.

- Concluiu-se então que nos Evangelhos Sinóticos existem:

1. autênticas sentenças proferidas por Jesus (assinaladas com a cor vermelha);
2. sentenças que provavelmente se aproximam do que Jesus disse (cor lilás);
3. sentenças que Jesus não proferiu, mas cujo conteúdo está próximo do pensamento de Jesus (cor cinzenta);
4. sentenças que, de modo nenhum, provêm de Jesus, mas de uma tradição posterior a Jesus ou diferente do que Jesus ensinou (preto).

- Os textos onde Jesus promete a Pedro as chaves do reino dos Céus e sua missão de “ligar” ou “desligar” estas chaves na terra, está na cor preta.

- As palavras da Eucaristia, onde Jesus torna seu corpo em pão e seu sangue em vinho, são pretas no texto de S. Mateus e S. Lucas, porém cinza no texto de S. Marcos.

- As palavras sobre o poder de perdoar que Jesus transmite aos Apóstolos estão na cor preta.

- O poder que Jesus outorga ao paralítico está na cor preta, porém observa-se que a frase que “Deus deu tal poder aos homens”, foi rejeitada por não estar em uso no protestantismo.

- As palavras sobre a proibição ao divórcio estão na cor cinza e não teriam

sido ditas pelo próprio Jesus.

- As palavras de Jesus sobre sua autoridade sobre o céu e sobre a terra a qual lhe foi entregue pelo Pai onde ele ensina os Apóstolos a batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e a observar tudo o que Ele ordenou estão em preto, pois julgaram que Jesus não tinha a intenção de que sua missão alcançasse o mundo.

- As palavras de Jesus de que faria dos Apóstolos pescadores de homens estão em preto.

- As palavras de Jesus chamando os homens ao arrependimento também não conta por que este tipo de exortação é característica de João Batista e atribuído a Jesus.

Percebe-se que os resultados adquiridos pela votação dos membros do Jesus Seminar são pobres a ponto de não poderem reconstituir a figura de Jesus histórico, pois são racionalistas e diante destes resultados da pesquisa, pode-se, de imediato, ponderar o seguinte: a dependência dos Evangelhos em relação à cultura pagã helenista já foi tese de certa autoridade entre os críticos. Atualmente, porém, está de certo modo superada, tendo-se em vista especialmente os manuscritos judaicos de Qumran e, mais, os estudos da escola de críticos (protestantes) suecos, que enfatizam as raízes hebraicas do Evangelho e mostram a continuidade entre o Jesus histórico e o Jesus documentado pelos Evangelhos.

- O hebraico-aramaico dos Evangelhos:

deve-se procurar entender o Cristianismo a partir da tradição judaica, porque o Cristianismo nasceu do judaísmo, muito mais do que do helenismo.

- os judeus eram muito ciosos de transmitir as palavras recebidas dos mais velhos; remontavam, de geração em geração, até a revelação feita por Javé a Moisés no monte Sinai, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 218).

- Do Evangelho grego para o aramaico:

No intuito de comprovar o patrimônio judaico e a continuidade entre judaísmo e Cristianismo o Prof. Gianfranco Ravasi, eminente biblista italiano efetuou a tradução dos Evangelhos (em grego) para o aramaico e concluiu

que foi possível captar no aramaico os jogos fonéticos subjacentes, com os quais se favorecia a lembrança e se comprovava a fidelidade da transmissão dos conteúdos. A poesia e a prosa literária hebraica, de fato, estão ligadas à sonoridade, isto é, ao amálgama harmônico dos sons dos vocábulos..., aos matizes das tonalidades, que se manifestam, sobretudo na recitação oral.

- G. Theissen acrescenta que há palavras duras no Evangelho que foram inspiradas diante de um radicalismo total em relação ao comportamento dos Apóstolos:

[...] assim, por exemplo, os dizeres de Lc 14,26: “Se alguém não aborrecer seu pai, sua mãe, sua esposa e seus filhos..., não poderá ser meu discípulo”. Pergunta Theissen: pode-se dizer que tais palavras são oriundas da mente das primeiras gerações cristãs? São elas condizentes com as tendências humanas mais ‘razoáveis’? Não devem ter tido origem na pregação mesma do Mestre? Quem as terá concebido e sustentado durante decênios sem que viessem dos lábios do próprio Jesus?, (BETTENCOURT (s.a.), pg. 221).

- Percebe-se, portanto, que esta conclusão é contrária à do Jesus Seminar que fazem das primeiras comunidades cristãs uma reprodução repleta de fantasiosas palavras atribuída a Jesus.

- Como conclusão Gerhardson cita que a raiz hebraica da árvore cristã oferece uma robusta “garantia de qualidade e fidelidade histórica nas palavras de Jesus e nas lembranças sobre Jesus” (ib. p. 297), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 221).

- Os Manuscritos de Qumran: O Pe. Jean Carmignac estudou com afinco os manuscritos de Qumran e iniciou pelo Evangelho de S. Marcos para observar que som teria quando traduzido para o hebraico de Qumran:

Decidi começar pelo Evangelho de Marcos e, para meu uso pessoal, quis ver que som teria quando traduzido para o hebraico de Qumran... Eu imaginava que tal tradução seria difícil e complexa, em virtude das consideráveis diferenças entre o pensamento semítico e o grego. Ao invés disso, surpreendido, logo descobri que a tradução se revelava extremamente fácil. Depois de um só dia de trabalho - era abril de 1963 - eu estava convencido

de que o texto de Marcos não podia ter sido redigido em grego: na realidade, devia ser a tradução literal de um original hebraico. As grandes dificuldades que eu estava prevendo, já tinham sido resolvidas pelo tradutor original, que transpusera - palavra por palavra - o texto, conservando até a ordem dos termos requerida pela sintaxe hebraica... Quanto mais avançava no trabalho, tanto mais-primeiro em Marcos, depois em Mateus - eu descobria que o corpo visível era helenístico, mas que a alma invisível era semítica, sem nenhuma margem de dúvida“, (ib. p. 304), (BETTENCOURT (s.a.), pg. 222).

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

1. Qual ato entende-se por dissensão?
2. Para Bultmann é mito uma concepção que tenta apresentar o divino como humano por quê?
3. Qual é o escopo da Teologia da Libertação?
4. O que foi a multiplicação de pães feita por Jesus, para Nolan?
5. Quem foi Jesus para Sobrino?
6. O que anunciou o Jesus histórico para Hilbert?
7. O que alega Meier ao diferenciar o Jesus real e o Jesus da história?
8. Quais são os critérios primários para confirmar que Jesus era como era?
9. Os Apóstolos e os mestres antigos tinham esmero em não permitir o quê?
10. Por que é imprescindível que a Palavra oral seja eternamente agregada ao Evangelho?
11. Com que intuito Charlesworth ao escrever o livro sobre Jesus abstrai-se da fé?
12. Na realidade do que se trata as obras de Charlesworth (1992) e Meier (1992)?
13. O que concluiu Jesus Seminar que existe nos Evangelhos Sinóticos?
14. Nas conclusões, de Jesus Seminar as palavras dos pontos típicos da doutrina de Jesus, as quais são ensinadas pela Igreja Católica seriam do quê?
15. Por que a opinião de Carmignac tem pela frente sérias dificuldades?
16. Por que a Criação é mais apropriada a Deus Pai?

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

MÓDULO I - A CRISTOLOGIA DOS APÓSTOLOS

1. Como pode ser definido Cristologia?
Cristologia pode ser definido pela etimologia como o estudo ou discurso (Lógos) sobre Jesus Cristo.
2. O que é MHF?
É um método racional que tem sua aceitabilidade sob a ótica católica, pois absorve a verdade de que antes de o Evangelho ser escrito ele foi passado de geração por via oral através de muitas décadas e que seus pregadores estruturaram a fé e a vida dos ouvintes, pelos seus anseios e problemas.
3. Jesus se autointitula em S. Marcos Filho do Homem por quê?
Porque ser “Filho do Homem” é ser o Messias.
4. Para quem escrevia S. Mateus e ao que recorria?
S. Mateus escrevia para os judeus que foram convertidos ao Cristianismo e recorria às Sagradas Escrituras do Antigo Testamento.
5. Qual é a origem de São Lucas?
Ele é de origem grega.
6. O que enfatiza o Evangelho de S. Lucas?
Ele enfatiza que Salvação de Jesus é universal.
7. Para que veio ao mundo Jesus segundo S. João?
Jesus veio ao mundo para libertar o homem do domínio de Satanás.
8. O que S. Paulo reconhece em Jesus Cristo?
Ele reconhece Jesus como Cabeça do Corpo (Igreja).
9. Porque Jesus Cristo continua como Sacerdote e intercessor?
Porque ele não precisa oferecer sacrifícios diários a cada dia pela expiação dos pecados.
10. Com que intenção foi escrito o Apocalipse?
Ele foi escrito com a intenção única de consolar os cristãos que eram perseguidos pelos romanos.

11. O que designa o termo “Pantokrátor”?
Designa a expressão de “Onipotente”, Aquele que tudo Rege.
12. A que fato Jesus atribuía sua missão?
Jesus à sua missão o fato de ter vindo para servir e dar sua vida em resgate de muitos.
13. Com quem Jesus se assemelhava?
Ele se assemelhava a sua Mãe.
14. Quem eram os essênios?
Os essênios eram sacerdotes que se retiraram para o deserto de Qumrã para se dedicarem apenas ao trabalho e à oração.
15. O que pede Jesus pede ao “discípulo a quem amava” momentos antes de falecer?
Jesus pede ao “o discípulo a quem amava”, a alguém de outra família, que tome conta de sua mãe.
16. O que dizem os antigos historiadores Tito Lívio, Suetônio, Flávio José, Strabo sobre o Censo de César Augusto?
Dizem que Augusto três vezes promoveu o recenseamento dos cidadãos de seu Império entre 28 a.C. e 14 d.C., Quirino pode ter sido o executor de um desses recenseamentos nas regiões confiadas à sua jurisdição.

MÓDULO II - OS SETE PRIMEIROS SÉCULOS

1. Por que existe a necessidade de explorar antigos escritores da Igreja?
Pelo fato de eles terem vivido próximos a época dos Apóstolos e dos primeiros cristãos e também porque seus debates teológicos contribuíram para que se estabelecessem os sete primeiros Concílios Ecumênicos da História da Igreja.
2. O que são Padres Apostólicos?
São os primeiros padres que sucederam os Apóstolos.
3. O que surgiu no dualismo das Cristologia destes antigos padres?
O docetismo e o ebionismo.
4. O que realçava o gnosticismo?
Realçava o grande valor do conhecimento (gnósis) como fator de salvação.

5. Em que se dividiu a doutrina do Monarquianismo?
Em Monarquianismo modalista ou patripassiano e Monarquianismo dinamista ou ebionita.
6. No que se inspirava Orígenes de Alexandria?
Inspirava-se na filosofia de Platão, às coisas invisíveis e transcendentais.
7. Qual foi a controvérsia inspiradora dos Concílios de Nicéia I (325) e Constantinopla I (381)?
Foi a controvérsia ariana e macedoniana.
8. A escola alexandrina e a escola antioquena seguiam os pensamentos de quais filósofos?
Seguiam o pensamento de Platão e Aristóteles.
9. O que pregava Ario?
Pregava a subordinação do Verbo ao Pai.
10. A tese de Apolinário foi condenada em qual Concílio?
No Concílio Ecumênico de Constantinopla I.
11. O que Nestório passou a condenar?
Passou a condenar a devoção popular dos monges e dos fiéis em Maria Mãe de Deus (Theotókos).
12. No Concílio de Éfeso foram confirmadas quais naturezas em Jesus Cristo?
Foram confirmadas a natureza humana e a natureza divina.
13. No sétimo século houve quais Concílios?
Os Concílios de Calcedônia e Constantinopla III.

MÓDULO III - A PESSOA DE JESUS CRISTO

1. Qual a definição sobre Encarnação do Concílio de Calcedônia (431)?
O fato de Deus fazer-se homem, sem deixar de ser Deus e sem mutilar a natureza do homem.
2. Como se defini Deus?
Deus se define por Pai, Filho e Espírito Santo, vivendo recíprocos e em intercâmbio em uma só Pessoa.

3. O que confirmam as proposições do O Concílio Vaticano I?
Confirmam a fé da Igreja em acompanhar santamente, o mistério de Cristo Homem, e transmiti-lo no decurso dos anos e dos séculos.
4. O que confirmou o Concílio Vaticano II?
Confirmou claramente a fé da igreja em várias passagens de todos os seus documentos, conforme a Tradição.
5. O que ensina o Concílio Vaticano II ensina sobre o Magistério da Igreja?
Ensina que o Magistério da Igreja é o único que recebeu a missão de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida.
6. Por que a própria ressurreição de Cristo afirma Jesus Homem Verdadeiro?
Por que ao ressuscitar ele retomou o próprio corpo humano com o qual viveu sobre a terra.
7. Por que não há contradição em Jesus Cristo entre o divino e o humano?
Porque Ele revelou a Sua divindade mediante a humanidade e uma vida autenticamente humana.
8. Por que Jesus é denominado "o instrumento do Verbo"?
Por que as ações de Jesus eram instrumentos da Vontade divina.
9. Quais são os tipos de operações teândricas?
São de sentido amplo e de sentido estrito.
10. O que admite o Nestorianismo?
O nestorianismo admite duas pessoas em Jesus e que a comunhão de propriedades ocorre como se fosse apenas no plano moral e não no plano físico, onde a Virgem Maria seria a Mãe de Cristo (Christotókos) e não Mãe de Deus (Theotókos).
11. O que rejeitou o Concílio Constantinopla III (680)?
Rejeitou o pensamento monotelista de querer salvaguardar a impecabilidade de Jesus negando a existência de Sua vontade.
12. Onde devemos recorrer para estudar a Consciência de Jesus?
Devemos recorrer às Escrituras, à União hipostática e à Psicologia atual.
13. O que a natureza humana de Jesus não o impede de realizar?
A natureza humana de Jesus não o impede de realizar os planos divinos.

MÓDULO IV - SOTERIOLOGIA

1. O que é Soteriologia?
É o estudo da obra salvífica de Jesus Cristo.
2. Por que o Batismo de Jesus foi um ato de obediência a Deus?
Porque através dele Jesus Cristo aceita com humildade seu desígnio que é a crucificação.
3. Com o que é comparada a eficácia da Palavra de Cristo?
É comparada à eficácia de uma espada.
4. Por que Jesus é bem mais do que um Profeta?
Porque Ele fala em Seu próprio Nome e não no nome de Deus como faziam os profetas do A. T.
5. Porque o milagre não deixa de ser uma Palavra de Deus?
Por que ele tem mais vigor do que as palavras verbais, e Deus o efetua em resposta a uma prece misericordiosa, a uma oração feita com humildade e confiança ou para tornar autêntica a missão de um enviado.
6. Como Jesus responde a São João Batista associando sua Pessoa com aquele que haveria de vir?
Que os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados, conforme (Lc 7,18-23).
7. Através de quantos critérios os críticos confirmam se o segmento do Evangelho é autêntico ou não?
Cinco.
8. Quem Cristo venceu ao morrer?
Cristo venceu o pecado, a morte e o diabo.
9. A quem Jesus Redentor entrega sua vida?
Em resgate a todos os homens.
10. O que é expiação?
É o ato que estabelece novamente a comunhão entre Deus e o homem, a qual foi quebrada com a vontade do próprio homem transgredindo a vontade de Deus ao pecar.

11. O que foi a morte de Jesus?
Foi uma transformação para uma nova vida.
12. Qual Consolador Jesus envia ao homem?
O Paráclito.
13. A quem e onde os Apóstolos destemidamente associam Jesus?
Destemidamente os Apóstolos associam Jesus a Deus Pai no culto sagrado.
14. Por que se afirma que a ressurreição de Jesus é um fato histórico?
Porque ela teve lugar no tempo e no espaço.

MÓDULO V - DISSENSÃO CRISTOLÓGICA

1. Qual ato entende-se por dissensão?
O ato de alguém se separar da maioria por discordar de suas opiniões.
2. Para Bultmann é mito uma concepção que tenta apresentar o divino como humano por quê?
Porque tal concepção vai contra o pensamento científico, o qual determina a natureza por leis e por causas e efeitos.
3. Qual é o escopo da Teologia da Libertação?
A figura de Jesus Cristo histórico, aquele que antes de morrer na Cruz defendeu e lutou em favor dos pobres contra a opressão social.
4. O que foi a multiplicação de pães feita por Jesus, para Nolan?
A multiplicação de pães feita por Jesus consistia em partilhar a própria comida uns com outros, pois assim seria multiplicada e satisfariam a todos.
5. Quem foi Jesus para Sobrino?
Jesus era um grande filantropo, benevolente, o qual não perdoou os pecados como uma reconciliação entre Deus e o homem.
6. O que anunciou o Jesus histórico para Hilbert?
Anunciou a Boa-Nova pela Palestina e, em todos os lugares anunciava que o Reino de Deus era feito de justiça e exaltação para os pobres enquanto os ricos seriam condenados.
7. O que alega Meier ao diferenciar o Jesus real e o Jesus da história?
Alega que o Jesus real seria o que viveu na Palestina da nossa era, algo

- inquestionável devido aos documentos (Evangelhos), que teriam sido acrescentados de concepções da Igreja primitiva para abordar Jesus com Seu merecido aparato.*
8. Quais são os critérios primários para confirmar que Jesus era como era? *Critério do constrangimento ou da contradição, Critério da descontinuidade, Critério da múltipla confirmação, Critério da coerência e Critério da rejeição e da execução.*
 9. Os Apóstolos e os mestres antigos tinham esmero em não permitir o quê? *Que o docetismo, o pré-gnosticismo e o dualismo impregnasse a doutrina cristã.*
 10. Por que é imprescindível que a Palavra oral seja eternamente agregada ao Evangelho? *Porque assim o teólogo estudioso dará maior atenção à forma como os cristãos primitivos entendiam os Evangelhos.*
 11. Com que intuito Charlesworth ao escrever o livro sobre Jesus abstrai-se da fé? *Com o único intuito de explorar a pessoa de Jesus Cristo no plano humano, ou seja, o Jesus “real”.*
 12. Na realidade do que se trata as obras de Charlesworth (1992) e Meier (1992)? *Trata-se de coleções de sentenças hipotéticas, que em parte destroem umas as outras, tentando fugir do Jesus do Cristianismo.*
 13. O que concluiu Jesus Seminar que existe nos Evangelhos Sinóticos? *Concluiu que existem autênticas sentenças proferidas por Jesus; sentenças que provavelmente se aproximam do que Jesus disse; sentenças que Jesus não proferiu, mas cujo conteúdo está próximo do pensamento de Jesus; sentenças que, de modo nenhum, provêm de Jesus, mas de uma tradição posterior a Jesus ou diferente do que Jesus ensinou.*
 14. Nas conclusões, de Jesus Seminar as palavras dos pontos típicos da doutrina de Jesus, as quais são ensinadas pela Igreja Católica seriam do quê? *Todas de tradição tardia.*
 15. Por que a opinião de Carmignac tem pela frente sérias dificuldades?

Porque obrigaria a admitir a redação dos Evangelhos ou, ao menos, dos sinóticos antes do ano de 70 (quando Jerusalém foi destruída e os romanos expulsaram os judeus de sua terra).